



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE PSICOLOGIA**

CAMILA DE SÁ LIMA

**O USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIAS E A SOCIEDADE DE CONSUMO:
UMA INTERLOCUÇÃO A PARTIR DA PSICANÁLISE**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2021

CAMILA DE SÁ LIMA

O USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIA E A SOCIEDADE DE CONSUMO: UMA
INTERLOCUÇÃO A PARTIR DA PSICANÁLISE

Monografia apresentada à UFT- Universidade
Federal do Tocantins- Campus Universitário de
Miracema para obtenção do título de psicóloga,
sob orientação da Prof(a). Jamile Luz Morais.
Orientadora: Dra. Jamile Luz Morais Monteiro.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

L732u Lima, Camila de Sá.

O uso de substâncias psicoativas e a sociedade de consumo: uma interlocução a partir da Psicanálise. / Camila de Sá Lima. – Miracema, TO, 2021.

49 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2021.

Orientadora : Jamile Luz Morais

1. Toxicomania. 2. Sociedade de Consumo. 3. Phármakon. 4. Psicanálise. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAMILA DE SÁ LIMA

O USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIA E A SOCIEDADE DE CONSUMO: UMA
INTERLOCUÇÃO A PARTIR DA PSICANÁLISE

Monografia apresentada à UFT- Universidade Federal do Tocantins- Campus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia foi avaliada para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovada pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação: 11/08/2021

Banca Examinadora:

Prof(a). Dra. Jamile Luz Morais Monteiro, Orientadora - UFT.

Prof. Dr. Carlos Mendes Rosa, Examinador - UFT.

Prof. Dr. Ricardo Monteiro Guedes de Almeida, Examinador - UFT.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa teórico conceitual no campo da psicanálise que teve como objetivo investigar as formas de uso, os objetivos e o significados relacionados às drogas ao longo da história, até a contemporaneidade, buscando compreender o fenômeno da toxicomania presente na sociedade do consumo como sendo um sintoma presente no campo do social. É evidente que o uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente entre os seres humanos, por outro lado, nota-se que no decorrer da história foram-se modificando a maneira pelo qual as drogas são apreendidas e consumidas. Com o advento do modelo técnico-científico do neoliberalismo, notou-se o surgimento de novas drogas criadas em laboratórios. Como produtos da era da ciência, houve um esvaziamento do efeito *phármakon* presente na droga, onde ela passa a ser apreendida apenas em seu caráter tóxico. Dessa forma, a toxicomania surge como um efeito dos discursos científico e capitalista, no qual na sociedade de consumo as drogas aparecem não só como uma mercadoria, mas também como psicofármacos como sendo uma alternativa para lidar com o mal-estar inerente do ser humano. No entanto, diferente dos outros bens de consumo, no recurso às drogas, há a possibilidade de se transformar em uma forma distinta do gozo fálico presente socialmente, onde o sujeito toxicômano se vê em um gozo cínico que tenta romper com o desejo do Outro, apontando uma contradição e denunciando um furo existente na sociedade de consumo.

Palavras-chave: Sociedade de consumo. *Phármakon*. Toxicomania.

ABSTRACT

This work is a conceptual theoretical research in the field of psychoanalysis that aimed to investigate the forms of use, objectives and meanings related to drugs throughout history, up to contemporaneity, seeking to understand the phenomenon of drug addiction present in consumer society as a symptom present in the social field. It is evident that the use of psychoactive substances has always been present among human beings, on the other hand, it is noted that throughout history the way in which drugs are seized and consumed has been changing. With the advent of the technical-scientific model of neoliberalism, the emergence of new drugs created in laboratories was noted. As products of the era of science, there was an emptying of the *phármakon* effect present in the drug, where it is only perceived in its toxic character. Thus, drug addiction emerges as an effect of scientific and capitalist discourses, in which, in the consumer society, drugs appear not only as a commodity, but also as psychopharmaceuticals as an alternative to deal with the inherent malaise of human beings. However, unlike other consumer goods, in the use of drugs, there is the possibility of transforming into a different form of phallic jouissance socially present, where the drug addict sees himself in a cynical jouissance that tries to break with the Other's desire, pointing out a contradiction and denouncing a hole in the consumer society.

Keywords: Consumer society. *Phármakon*. Drug addiction.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 O PHÁRMAKON: DA ANTIGUIDADE À CONTEMPORANEIDADE.....	14
2.1 As substâncias psicoativas como símbolo no domínio da ficção.....	15
2.2 A era da ciência e o esvaziamento do efeito <i>phármakon</i>	21
3 IMPOSIÇÃO DE GOZO NA SOCIEDADE DO CONSUMO E A FALHA ESTRUTURAL DO SUJEITO.....	27
4 A TOXICOMANIA E A DROGA COMO MERCADORIA	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo compreender o fenômeno do uso abusivo de substâncias e a “Sociedade do consumo”¹ a partir da teoria de Bauman (2008), tecendo uma interlocução com a psicanálise. Para tanto, tomaremos o uso abusivo de substâncias, com fins de delinear o objeto de estudo, através do conceito da toxicomania para fazer tal interlocução. De acordo com Ribeiro (2004), a palavra toxicomania designa uma forma de relação estabelecida entre “um maníaco e um veneno” (p.94), uma vez que o termo se origina do grego *toxicon* (veneno) e *mania* (loucura, excentricidade, dependência). Neste sentido, o intuito desta pesquisa centrou-se em discutir, pelo viés da psicanálise, o *pathos* presente na toxicomania como um fenômeno que transborda e que, portanto, denuncia um fracasso na Sociedade de Consumo.

O interesse pela temática surgiu partir do contato com discussões realizadas na Universidade, nas salas de aula e cursos de extensão sobre a atuação do/a psicólogo/a voltada para o uso de substâncias e intervenções das equipes de Consultório de Rua, onde é possível localizar considerável quantidade de usuários que possuem uma relação com o uso de substâncias e que se encontram em situação de rua (TONDIN, BARROS NETA & PASSOS, 2013). Por outro lado, o que chamou atenção foi a abordagem dos profissionais, a qual foge de uma lógica proibicionista e considera a experiência e a importância subjetiva que cada usuário possui com a droga, promovendo uma estratégia de Redução de Danos², que oferece autonomia ao sujeito, dando-lhe a oportunidade de realizar um uso seguro da substância que não lhe cause muitos prejuízos, pois sabe-se que a população em situação de rua que faz o uso de drogas não possui instrumentos apropriados para realizar este tipo de consumo, o que pode acarretar o surgimento de diversas doenças. Além disso, a estratégia de Redução de Danos também oferece oportunidade e meios para que o sujeito, caso for o seu desejo, interrompa o uso.

A partir dos debates em sala de aula a respeito da luta antimanicomial, foi possível ampliar a visão para a condição da abordagem em casos de uso abusivo de substâncias, em que apesar de existir a Política de Redução de Danos e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)

¹ Sociedade de consumo consiste em uma área conceitual no campo das ciências humanas e sociais, que tem como características a acumulação flexível de capital, novos conceitos de necessidades, influências dos meios de comunicação em massa, individualismo e impulso de realização pessoal por meio da autoexpressão. Entre os autores que se destacam nesse campo: Adorno, Horkheimer, Marcuse, Bauman, entre outros. (MANCEBO, OLIVEIRA, FONSECA & SILVA, 2002).

² Estratégia de Redução de Danos de acordo com SENAD (2011) é um conjunto de princípios e ações que visam reduzir os danos individuais e sociais associados ao uso de drogas, na qual desconsidera a imediata e obrigatória extinção do uso de drogas.

voltado para Álcool e Drogas, ainda somos permeados por uma racionalidade proibicionista e manicomial, com a existência de clínicas de internação e comunidades terapêuticas. Dessa forma, surge o interesse em discutir a problemática do uso abusivo de substâncias psicoativas, pela ótica do fenômeno da toxicomania, partindo das questões que são postas socialmente em nosso tempo e, com a perspectiva psicanalítica, tentar pensar a complexidade que envolve a experiência do *pathos* ligada ao uso de drogas.

No que se refere à sociedade do consumo à luz de Bauman (2008), este caracteriza a sociedade de consumidores como sucedente de uma sociedade de produtores, onde a passagem de um período para outro ocorre com o surgimento do consumismo “quando o consumo assume o papel-chave que na sociedade de produtores era exercido pelo trabalho” (BAUMAN, 2008, pg. 41). A sociedade de produtores, tida por Bauman (2008) como uma fase sólido-moderna da sociedade, foi marcada pela produção e aquisição de bens duráveis, “sendo a segurança a longo prazo o principal propósito e maior valor, os bens adquiridos não se destinavam ao consumo imediato - pelo contrário, deviam ser protegidos da depreciação ou dispersão e permanecer intactos” (BAUMAN, 2008, pg. 42-43).

Na medida em que o consumismo ascende como um atributo da sociedade, os desejos, as necessidades e os ideais dos sujeitos foram se transformando. Enquanto que segundo Bauman (2008) a satisfação na sociedade de produtores encontrava-se na abstenção dos prazeres imediatos com a promessa de uma segurança a longo prazo, na sociedade de consumidores, a felicidade é encarada como proveniente de uma satisfação imediata de desejos. “A sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na *vida terrena, aqui e agora* e a cada “agora “sucessivo. Em suma, uma felicidade *instantânea e perpétua*” (BAUMAN, 2008, p. 60, grifo do autor).

Nesta Sociedade, encontra-se uma garantia de satisfação através da aquisição imediata de mercadorias que, por sua vez, faz-se momentânea, pois de acordo com Bauman (2008) a principal finalidade da economia consumista não está relacionada com a satisfação das necessidades, mas com o surgimento crescente e incessante de desejos que resulta em um uso imediato e o rápido descarte com o objetivo de consumir o próximo produto que trará satisfação.

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo, sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente não está “plenamente satisfeito”- ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados (BAUMAN, 2008, p. 63).

Diante disso, somos marcados por um estilo de vida imediatista, onde a cada momento nos vão surgindo novas oportunidades de felicidade e de prazer que devem ser abraçadas pelos sujeitos consumidores, sendo a busca pela satisfação um dos principais ideais que, por outro lado, deva ser passageira para o capitalismo continuar em movimento. Nas palavras de Bauman (2008, p. 127), “somos impulsionados e/ou atraídos a procurar incessantemente por satisfação, mas também a temer o tipo de satisfação que nos faria interromper essa procura”.

A contemporaneidade enquanto sociedade de consumo se destaca pelo marcador do consumismo como a principal atividade a ser exercida pelos sujeitos. De acordo com Bauman (2008) aqueles que não exercem uma atividade plenamente desenvolvida de consumo são considerados “*consumidores falhos*” (p. 158, grifo do autor), e, portanto, indesejados, desnecessários e inadequados.

Betts (2004) aponta que o cidadão de direito enquanto consumidor tem como a sua potência de consumo o ideal mais importante de sua vida, da qual a felicidade e sucesso pessoal se caracterizam pelo nível de consumo que o indivíduo tem, determinando o grau de inclusão ou exclusão social. “O somos o que temos é elevado à condição de ideal social: o hedonismo materialista, a qualquer preço, triunfa. Se não temos, não somos” (BETTS, 2004, p. 67-68).

Evidentemente, o imperativo capitalista de consumo produz uma exclusão social daqueles que estão fora da normativa de consumo, onde a população em situação de rua se enquadraria como consumidores falhos, por não possuir poder de adquirir bens, no qual as drogas aparecem como um objeto substitutivo de consumo. Enquanto Tondin, Barros Neta e Passos (2013) afirmam que as drogas surgem como forma de denunciar a realidade perversa do capitalismo, os mesmos apontam que o uso abusivo de substâncias psicoativas pelos sujeitos em situação de rua se apresenta não só como uma forma de obtenção de prazer, mas como recurso de sobrevivência, sendo “uma solução química para amenizar as consequências de um sintoma da insanidade social que exclui cidadãos de direito” (TONDIN, BARROS NETA; PASSOS, 2013, p. 491).

No contexto capitalista, o mercado oferece produtos para bens de consumo que servem tanto para o prazer quanto para a satisfação imediata, fazendo com que as pessoas procurem incessantemente um objeto que esteja de acordo com suas necessidades. Dessa forma, as drogas se constituem como um objeto que oferece a satisfação imediata proposta pela sociedade de consumo, conforme os autores:

(...) as drogas podem se apresentar como o objeto ideal, principalmente comercial, dada sua capacidade de gerar a necessidade de repetição do consumo de um produto

em destaque na atualidade, que confere ao usuário um status de poder e pertencimento a um grupo social (TONDIN, BARROS NETA; PASSOS, 2013, p. 490).

Apesar da condição existente de pessoas em situação de rua denunciar uma falha estrutural do capitalismo, estes enquanto sujeitos que fazem o uso abusivo de substâncias ainda se enquadram como consumidores da sociedade de consumo, pois de acordo com Zizek (2012), a “figura do drogado” (grifo meu) é o único e verdadeiro sujeito do consumo, pois em seu gozo³ desenfreado chega a consumir a si mesmo até a sua morte. Portanto, partiremos da perspectiva do uso abusivo de drogas na sociedade de consumo em sua totalidade, não restringindo apenas aos sujeitos em situação de rua.

Ao articularmos o fenômeno da toxicomania com a sociedade do consumo, podemos considerar a definição que Kehl (2009) traz acerca do sintoma social como um “desacordo com a normatividade social que acaba por denunciar as contradições do discurso do Mestre” (KEHL, 2009, p. 23). Dessa maneira, pode-se pensar na existência de uma articulação em torno daquilo que é posto socialmente - como as configurações, o modelo de funcionamento e os imperativos da sociedade do consumo- e de algo que faz parte do sujeito. Logo, a autora afirma que “uma parte das manifestações do sujeito do inconsciente diz respeito aos restos não simbolizados da ordem social, restos estes excluídos do campo dos fenômenos que a língua é capaz de decifrar” (p. 26).

Acerca do que Kehl (2009) diz do sintoma social, como um sintoma que aparece no sujeito como reação a uma ordem social vigente, pode-se acrescentar o que Tondin, Barros Neta e Passos (2013) apontam sobre a drogadição como um sintoma que reflete um mal-estar consequente do “discurso de uma sociedade imediatista, consumista e desigual, insatisfeita constantemente e que busca nos objetos de consumo a tentativa de aliviar seu mal-estar” (TONDIN, BARROS NETA; PASSOS, 2013, p. 490).

Em “O mal-estar na civilização”, Freud (1930/2010) afirma que a cultura produz um mal-estar, visto que o sujeito deve renunciar suas pulsões para conviver em sociedade, pois as exigências sociais não permitem que sejam satisfeitas plenamente as imposições do princípio de prazer. Freud (1930/2010) indica o uso de substâncias psicoativas como uma das opções possíveis para evitar o sofrimento e obter prazer.

Diante do exposto, podemos pensar no que Freud (1921/2011) apresenta em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, quando afirma que toda psicologia individual é desde o princípio,

³ Trata-se de um conceito no campo da psicanálise, cunhado por Lacan (1959-1960/1988) para definir o que é excessivo e ultrapassa a zona do que seria uma simples obtenção de prazer, causando sofrimento e, ao mesmo tempo, satisfação inconsciente.

psicologia social, em razão de que a psicologia individual investiga os meios pelos quais o indivíduo busca se satisfazer que, por outro lado, não se pode separá-lo das relações com outros indivíduos, dado que relações do indivíduo com os familiares, amigos, pessoas no geral, são fenômenos sociais que influenciam nos processos psíquicos individuais. Nesse sentido, propomos o seguinte problema de pesquisa: Como compreender o uso abusivo de substâncias, à luz do fenômeno da toxicomania, articulando-o à sociedade do consumo a partir da psicanálise?

Para discutir este problema de pesquisa, utilizou-se metodologia teórica e conceitual, que pode ser definida pela interpretação de uma determinada teoria, onde serão investigados os conceitos nucleares das principais obras bibliográficas escolhidas (LAURENTI; LOPES, 2016), partindo de uma análise inter-relacional de conceitos psicanalíticos com a sociedade de consumo.

Trata-se, então, de uma pesquisa teórica e conceitual no campo da psicanálise. Em relação a este campo de saber, é interessante salientar que esta tem como objeto de estudo o inconsciente, do qual não podemos apreender de forma objetiva, o que viabiliza abordar o tema de maneira aproximativa. Ademais, na pesquisa teórica no terreno da psicanálise existe uma relação de transferência estabelecida entre o pesquisador e o material teórico escolhido para ser investigado, onde análise das leituras ultrapassa a racionalidade adotada nos textos. Portanto, não produz um saber fechado, sem furos, pelo contrário, é um estudo marcado pela incompletude que possibilita abertura e questionamentos (TAVARES; HASHIMOTO, 2013).

Na pesquisa psicanalítica, de acordo com Naffa Neto (2006), existem dois eixos: a pesquisa-escuta e a pesquisa-investigação. A primeira se constitui por excelência como pesquisa clínica, onde a investigação ocorre a partir de uma atitude passiva do pesquisador, pois a associação livre do analisando e a escuta flutuante do analista é que irão contribuir para a produção de sentido na pesquisa. A segunda, consiste em uma pesquisa teórica e metodológica, em que está implicado o desejo do pesquisador na investigação e escolha do tema. Segundo Naffa Neto (2006), a pesquisa-investigação oferece suporte e embasamento teórico para a pesquisa-escuta, havendo uma relação dialética de complementaridade entre ambas. Sendo assim, este trabalho fundamenta-se na perspectiva da pesquisa-investigação.

Rosa (2004), aponta o trabalho teórico em psicanálise como indispensável, uma vez que produz condições para descobrir fenômenos sem se ater à experiência. Embora nossa pesquisa tenha perpassado por uma perspectiva social, Rosa (2004) destaca que articulação entre sujeito e sociedade faz parte do conjunto teórico e clínico da psicanálise, visto que “Freud faz o uso

recorrente da análise de fenômenos coletivos para compreender os processos individuais” (ROSA, 2004, p. 332).

Propomos, então, uma investigação histórica do uso de drogas na sociedade para compreender como a droga enquanto um símbolo muda os seus significados até os dias atuais, podendo associar as mudanças de valores com as modificações sociais que se constroem no decorrer da história, para assim entender o uso abusivo de drogas na sociedade de consumo como sintoma social, a partir de uma visão psicanalítica.

Rosa (2004) retoma o que afirma Birman (1994) sobre o fato de que “algumas temáticas de outras disciplinas, como o poder, a crença, o valor, a ética, a violência, a cientificidade, assumem certa singularidade quando se lhes imprime um recorte psicanalítico” (ROSA, 2004, p. 337). Nossa pesquisa foi por esta direção, pois teve como finalidade imprimir um olhar psicanalítico sobre um fenômeno do uso abusivo de drogas na contemporaneidade, utilizando o recorte da sociedade do consumo por meio da teoria de Bauman.

Isto posto, para responder ao problema de pesquisa proposto, este trabalho seguiu a seguinte estrutura: no capítulo 1, realizamos uma retrospectiva do uso de substâncias psicoativas na sociedade, ilustrando como as formas de uso, os objetivos e o significados relacionados às drogas vieram se modificando até chegarmos aos dias atuais

No capítulo 2, discutimos acerca do imperativo de gozo presente na sociedade do consumo e forma como se articula com a falha estrutural do ser impelindo o sujeito a consumir. No terceiro capítulo, abordamos a questão da droga ser posta como uma mercadoria na atualidade e as contradições da toxicômano como um fruto do discurso da ciência e do capitalismo, mas que se recusa a participar da norma vigente, denunciando assim um furo na sociedade do consumo.

Por fim, é importante destacar que pesquisar sobre esta temática é pertinente por envolver aspectos sociais e individuais, tratando-se também de um problema de saúde pública, pois de acordo com dados da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ, 2017), no ano de 2015, cerca de 2,3 milhões de pessoas entre 12 e 65 anos apresentaram dependência de álcool e 1,2 milhões apresentaram dependência de alguma substância, exceto álcool e tabaco, nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Ressalta-se a importância de abordar a temática, visto que a população que realiza o uso abusivo de drogas, especialmente a população em situação de rua, é assistida pelas políticas públicas em saúde mental, como os Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que além dos serviços voltados para pacientes psiquiátricos, também oferece um atendimento voltado para o

uso de álcool e outras drogas, sendo que esse modelo de atenção está sofrendo ameaças de desmontes no atual governo, em virtude de um ideal higienista e manicomial.

A temática sobre droga é um assunto permeado por estigmas e preconceitos, em que alguns ambientes a discussão perpassam por uma lógica proibicionista e reducionista que desconsidera a subjetividade e autonomia do sujeito que realiza o uso de drogas. Por consequência dessa noção proibicionista, vê-se uma atenção precária ao atendimento de usuários em redes de saúde, internações compulsórias em comunidades terapêuticas, apesar da existência de políticas de atenção às pessoas que fazem uso de drogas.

Trazer à luz o debate dos desdobramentos do uso de drogas através de uma visão que foge à lógica proibicionista nos implica uma reflexão sobre a luta antimanicomial, na medida que o proibicionismo visa a redução da experiência do sujeito apenas ao ato de consumir a droga, que de modo geral é visto como alguém que precisa ser interditado, internado e retirado da sociedade, mesmo que contra a sua própria vontade, pois não tem controle e autonomia de sua própria vida. Isso nos remete aos ideais manicomiais anteriores à reforma psiquiátrica, o que nos faz refletir que a reforma não atingiu por completo todas as camadas da população necessitada dos atendimentos na área da saúde mental, como no caso de pessoas que realizam o uso de drogas.

Dessa forma, buscar compreender o uso de drogas na sociedade do consumo enquanto um sintoma social nos ajuda a criar estratégias de atuação e a desmistificar noções preestabelecidas acerca das pessoas consomem drogas, possibilitando uma visão humanizada, onde o foco não é a droga em si, mas o sujeito e a relação que estabelece com a mesma.

CAPÍTULO I

2 O PHÁRMAKON DA ANTIGUIDADE À CONTEMPORANEIDADE

A noção da relação que o toxicômano estabelece com a droga, enquanto categoria clínica a ser estudada pela psicanálise, segundo Santiago (2017), encontra-se em uma dimensão de diversos impasses conceituais, que se aproxima dos limites de seu saber e de sua prática. Dentre esses impasses, podemos também localizar que a toxicomania é posta como um dos grandes problemas presentes na contemporaneidade, onde as concepções médica e jurídica prevalecem como um meio para explicar e abordar a questão do uso de drogas.

Por outro lado, um dos caminhos que a psicanálise busca investigar a toxicomania tem a ver com a relação desregrada que o sujeito estabelece com a droga, partindo de um viés contrário e crítico daquilo que é proposto pelo saber técnico científico, uma vez que a ciência, de acordo com Santiago (2017), ao tratar apenas do caráter tóxico da droga, acaba excluindo aquilo que diz respeito ao que a psicanálise no ensino de Lacan denomina de “gozo”, campo este que diz respeito a um além, um excesso, como aquilo que transborda ao princípio do prazer. Para a ciência, a noção de droga equivale aos seus elementos químicos e aos efeitos que causam no corpo. Já a psicanálise considera a função da droga no campo da linguagem. Ademais, Ferreira (2016) destaca que “no âmbito da toxicomania, a psicanálise valoriza a operação da força enigmática da linguagem, considerando o usuário de drogas como um sujeito, ao invés de reduzi-lo a um objeto” (FERREIRA, 2016, p. 32).

No que se refere ao ponto de vista voltado para o caráter tóxico da droga, Santiago (2017) destaca que nem todo tóxico é uma droga, logo, esta não pode ser reduzida apenas em seu caráter toxicológico. “Isso quer dizer que não há noção de droga que não seja relativa ao contexto discursivo no qual ela se enuncia. A existência do elemento tóxico nos venenos naturais ou artificiais, frequentemente mortais, não é suficiente para definir a droga” (SANTIAGO, 2017, p. 26).

Em vista disso, para pensar no uso abusivo de drogas presente na atualidade, Ferreira (2016) aponta que não basta analisar a partir de uma contextualização histórica linear do uso de drogas, mas também deve-se considerar as torções inerentes das lógicas discursivas. Portanto, apresentaremos a trajetória do consumo de drogas em diversos momentos da história até a contemporaneidade, visualizando as construções discursivas em torno da droga, partindo do ponto da importância que determinadas substâncias psicoativas têm em cada cultura e dos significados que lhes eram atribuídos, levando em consideração o que Santiago (2017) diz que

os elementos da historicidade se exprimem “ no desvelamento dos diversos modos de operação da verdade sobre o efeito do *phármakon*” (p. 76, grifo do autor). Desse modo, encontram-se diferentes formas de explicar o efeito *phármakon*: através da “causa eficiente” nas sociedades míticas, por meio da “causa final” presente no conhecimento alquímico no mundo das marcas e a partir da “causal formal” que exerce no discurso da ciência. (SANTIAGO, 2017).

Para Santiago (2017) as drogas possuem múltiplos usos e estilos de interpretação, possuindo uma profunda suscetibilidade aos efeitos da linguagem, o que a torna um verdadeiro símbolo no domínio da ficção. Logo, podemos pensar nas drogas levando em conta a sua suscetibilidade aos diversos efeitos de sentido, que possui uma dimensão insondável e inatingível, não havendo possibilidade de produzir uma conceitualização ou objetivação do símbolo, dado que para o autor a experiência com a droga é simbolizada pelo real, ou seja, o que Lacan (1964/2008) apresenta como inominável, indizível no território das palavras.

2.1 As substâncias psicoativas como símbolo no domínio da ficção

Estima-se que o uso de substâncias psicoativas está presente na humanidade há mais de 5 mil anos, em que se era feito o uso ritualístico de plantas psicoativas. Desde o período da antiguidade que as drogas estão presentes entre os seres humanos e, ao longo da história da humanidade, as substâncias psicoativas vêm ocupando lugares importantes nas diversas culturas como veículo de cura, devoção e identidade étnica (OLIVEIRA & CARNEIRO, 2014).

Na antiguidade remota, os seres humanos já compartilhavam um saber acerca da manipulação de plantas e fungos com princípios psicoativos, este saber “sempre se fundamentava na experiência do homem, ligada ao discurso latente do mito” (SANTIAGO, 2017, p. 49). Para mais, podemos acrescentar o que Ferreira (2016) salienta acerca do pensamento mágico, no qual se expressa dentro de um discurso próprio, dado que “surge a emblemática figura do xamã, que representa uma espécie de guardião da prática mágica” (FERREIRA, 2016, p. 25).

O saber xamânico pode se apresentar por meio textual e através de técnicas do corpo, como a dança, música ou pelo uso de drogas. Além disso, podemos destacar que para Escohotado (2017) o xamanismo é definido como uma união entre a religião, cura e magia, cuja administração de plantas psicoativas, de estados de êxtase e transe, está presente tanto em adivinhações mágicas, quanto em cerimônias religiosas e em terapias. Ou seja, os processos de cura estavam diretamente relacionados com a experiência ritualista, logo, nesse momento o uso

de substâncias psicoativas possuía finalidade de conexão com o divino no qual também seria capaz de promover cura.

Acerca da cura xamânica podemos destacar Lévi-Strauss (1949/2008) e seus estudos em comunidades indígenas, no qual faz considerações a respeito da prática mágica presente entre o povo Cuna, do Panamá. A cura para esse povo não é exclusivamente ministrada por meio de medicamentos, mas também perpassa por um longo e detalhado processo de narração do processo de cura através de cânticos, ademais, Lévi- Strauss (1949/2008), aponta que a cura xamânica se trata de uma cura psicológica, no qual “representações psicológicas são invocadas para combater males fisiológicos” (p. 206-207). Nesse seguimento, Lévi-Strauss (1949/2008) se demora ao descrever um ritual mágico realizado pelo xamã dos Cuna ao prestar auxílio em parto difícil, para o autor essa prática:

Trata-se de uma medicação puramente psicológica, já que o xamã não toca o corpo da paciente e não lhe administra nenhum remédio, mas, ao mesmo tempo, envolve direta e explicitamente o estado patológico e seu foco. Poder-se- ia dizer que o canto constitui uma manipulação psicológica do órgão doente, e que é dessa manipulação que se espera que decorra a cura. (LÉVI-STRAUSS, 1949/2008, p. 207).

Ainda podemos acrescentar que a cura xamânica “se situa a meio caminho entre nossa medicina orgânica e as terapêuticas psicológicas como a psicanálise” (LÉVI-STRAUSS 1949/2008, p. 213), que equivale a cura psicanalítica. Ambas, de acordo com Lévi-Strauss(1949/2008), provocam uma experiência de reconstituição do mito no qual o paciente deve viver/reviver, enquanto que na psicanálise ocorre a reconstrução de um mito individual por meio da construção elementos do passado do paciente. No xamanismo, se trata de um mito social exterior ao paciente que o recebe sem componentes do seu passado.

Por esse ângulo, no xamanismo, o termo da psicanálise “ab-reação” é invertido por “ad-reação”, pois “o feiticeiro fala, e realiza a ab-reação para o doente que fica calado, ao passo que, na psicanálise, é o doente que fala, e realiza a ab-reação contra o médico que o escuta”(LÉVI-STRAUSS, 1949/2008, p. 198).

A eficácia da prática mágica, para Lévi-Strauss (1949/2008), relaciona-se com aquilo que é denominado de “complexo xamanístico”, no qual destacam-se três aspectos complementares que validam a magia presente no xamanismo. O primeiro se refere à crença do xamã na eficácia de sua prática, o segundo na crença do doente na cura que será promovida pelo xamã, e por último, a validação coletiva da prática mágica pelos membros da tribo. Portanto, para que a magia tenha validade é necessário que se suceda um consenso coletivo, onde o xamã e os demais membros da tribo creem na eficácia de sua prática. Nesse sentido, “a

eficácia da magia resulta da manipulação da função significante, capaz de mobilizar os fenômenos da natureza na forma das relações antinômicas próprias à estrutura da linguagem” (SANTIAGO, 2017, p. 58).

Levando em consideração o que Lévi-Strauss aponta com relação à eficácia da prática mágica como um consenso coletivo, podemos acrescentar com Santiago (2017), que na estrutura do mito, “a armadura significante não é, nesse caso, uma propriedade individual do sujeito, no sentido de uma estratégia explicativa do mundo ou de um simples apaziguamento da angústia individual” (p. 50). A sua função significante desfaz a oposição existente entre o individual e o coletivo de forma que essas duas dimensões se unam de maneira peculiar.

No que se refere ao uso de plantas psicoativas no xamanismo, estas se constituem como um instrumento de reafirmação cultural e de encontro com o divino, em que ao ser ingerida como forma de sacrifício, a alteração de consciência provocada pela substância seria capaz de revelar o conhecimento para o xamã e os membros da tribo (ESCOHOTADO, 2017). O uso de plantas psicoativas é capaz de provocar uma alteração na percepção do mundo que atua como um deflagrador do transe xamânico, pois de acordo com Santiago (2017), as substâncias levam o xamã a lugares em que habitam o sobrenatural.

Na prática mágica o consumo da droga é executado como um componente simbólico inscrito dentro da estrutura discursiva do mito - não podendo ser determinada dentro de uma realidade objetiva, ou seja, fora do contexto discursivo do mito, nesse sentido, “a ação dessas substâncias no transe xamânico é subsumida pela hipótese de um significante a mais, de um significante ‘deflagrador e amplificador do discurso latente’ das sociedades míticas” (SANTIAGO, 2017, p. 53, grifo do autor), onde esse significante é capaz de movimentar o discurso latente em cada cultura. Ademais, em cada cultura é produzida uma estrutura mítica diferente sobre o uso de uma determinada substância.

Disso, conclui-se que as configurações fenomenológicas do transe tomam as formas previstas pelo grupo por razões que são inteiramente particulares a cada cultura. O transe desencadeado é, no seu tipo, o esperado pelo grupo por motivos conscientes e/ou inconscientes, que diferem de um grupo para o outro. Nessa perspectiva, a prática de uma droga, nos cultos xamânicos, é concebida como um componente simbólico e está totalmente inscrita na estrutura discursiva do mito (SANTIAGO, 2017, p. 56).

Na estrutura discursiva do mito, o xamã empresta o seu corpo para encenar a narrativa mítica. Segundo Santiago (2017) “o seu corpo torna-se o lugar da encenação do desfile significante presente na narração mítica” (p.58). As experiências do transe são efetuadas pela figura do xamã. Para ocorrer a incorporação é preciso que este assuma uma posição de sujeito, no qual Santiago (2017) destaca como sujeito xamanizante, diferente do sujeito dividido da

psicanálise, pois o xamã possui uma relação de contiguidade com o saber mítico que encarna o saber em si, colocando a verdade como “causa eficiente”.

O saber xamânico sobre as substâncias da natureza se produz por meio do uso do ritual de cogumelos, peiote, ayahuasca, tabaco, entre outras espécies, no qual o uso desses vegetais ocorreu em especial entre os povos aborígenes da América (SANTIAGO, 2017). Por outro lado, devemos ressaltar que o uso de plantas psicoativas nas sociedades míticas, não pode ser encarada precisamente como droga, pois, para Santiago (2017) é imprescindível que se verifique “a visão etnocêntrica da prática da droga nas sociedades míticas, conservando-se esta no lugar de um correlato contingente do sujeito xamanizante” (p. 60).

Em outras culturas, pode-se destacar o uso de diversas substâncias, que não se encontram dentro de uma estrutura mítica discursiva, o que nos leva a pensar a respeito da amplitude de significações no qual as substâncias psicoativas estão suscetíveis, além dos diversos modos e finalidades de uso que uma substância pode ter, como por exemplo: o cânhamo(maconha), é conhecida como uma das plantas psicoativas mais antigas, que se origina da china por volta de 4000 a.C. No entanto, há referências do uso do cânhamo no Turquestão um milênio depois, na mesopotâmia (séc. IX a. C), na Europa Ocidental, e a comercialização no Mediterrâneo no século VII a. C. O cânhamo era utilizado para fins medicinais e religiosos, a planta possui uma participação importante na tradição Bramânica, em que acreditam que é capaz de garantir vida longa e agilizar a mente. Ademais, no Budismo a planta era utilizada na realização de meditações e também utilizada como incenso cerimonial na Mesopotâmia e no Egito. Quanto aos fins medicinais, o cânhamo era utilizado para tratamentos para oftalmia, febre, insônia, tosse seca e desinteria. (ESCOHOTADO, 2017).

A droga em seu caráter de símbolo suscetível aos diversos efeitos de sentidos, aparece como *phármakon* desde a Antiguidade Clássica, onde é possível notar em diversos textos a menção ao termo *phármakon*, como na “Odisseia” de Homero, na peça “O doente imaginário” de Molière, entre outros (SANTIAGO, 2017).

Na Grécia Antiga, com Hipócrates e Galeno, surge o conceito do *phármakon*, que de acordo com Escotado (2017) se configura como uma substância que, na quantidade adequada, é capaz de curar uma enfermidade, entretanto, o que a distinguiria de remédio para veneno, seria a quantidade administrada. Nesse sentido, os efeitos de sentido do *phármakon* possuem um caráter enigmático, mostrando assim a natureza inefável da droga (SANTIAGO, 2017). Com base nisso, nota-se o aspecto ambíguo e o deslizamento de sentido do efeito *phármakon* reforçando a ideia da impossibilidade de uma conceituação objetiva do que seria a droga.

Uma das primeiras aparições do termo *phármakon* foi em *Fedro*, em que é apresentado como escritura. Ademais, Derrida na “Farmácia de Platão” (1972/2005) faz menção à um dos fragmentos presentes nos diálogos de *Fedro*:

Releiamos agora, sempre na tradução de Robin, a seguinte frase do Fedro: "Eis aqui, oh, Rei", diz Theuth, "um conhecimento (máthema) que terá por efeito tornar os egípcios mais instruídos (sophoterous) e mais aptos para se rememorar (mnemenikotérous): memória (mnéme) e instrução (sophía) encontraram seu remédio (phármakon)" (DERRIDA, 1972/2005, p. 44).

Theuth apresenta ao Rei Thamous a escrita como um recurso benéfico que aumenta o saber e reduz o esquecimento, no entanto Thamous discorda de Theuth, desprezando a escrita e acusando-a de reduzir o saber e prejudicar a memória. Nota-se o sentido ambíguo no qual a escrita é retratada em *Fedro*, por outro lado, neste ponto, o *phármakon* é traduzido como remédio, eliminando assim o aspecto dicotômico do termo. Derrida (1972/2005) destaca que o *phármakon* não deve ser benéfico por completo assim como é traduzido em *Fedro*, visto que “ela participa ao mesmo tempo do bem e do mal, do agradável e do desagradável” (DERRIDA, 1972/2005, p. 47).

Para Santiago (2017) “é o elemento técnico do *phármakon* que constitui o centro de interesse quanto ao problema da droga no texto de platão” (SANTIAGO, 2017, p. 42, grifo do autor).

Na verdade, a lógica substitutiva da escritura aparece como uma tentativa de atenuar as falhas da memória [*mnéme*] a fim de atingir o conhecimento. Como remédio contra o esquecimento, a escritura torna-se um simples artifício, um puro suplemento da memória sábia. (SANTIAGO, 2017, p.42, grifo do autor).

Na Grécia Antiga, o *phármakon* aparece dentro de um jogo de símbolos, introduzido na tentativa de nomear aquilo que está no campo do real, constituindo-se como um guardião de uma verdade a ser decifrada (SANTIAGO, 2017).

Essa versão do *phármakon* como símbolo atesta a ilusão de que o significante pode responder pela representação do significado. Mais precisamente, esse jogo do símbolo fundamenta-se na ideia de que o *phármakon* seria capaz de responsabilizar-se pela sua existência, a título de alguma significação. (SANTIAGO, 2017, p. 30)

No tocante a análise Derridiana na “Farmácia de Platão (1972/2005)”, Santiago (2017) enfatiza que “se restringe à simples decifração da reversibilidade de sentido operada pelo *phármakon*” (SANTIAGO, 2017, p. 45), no que se refere à amplitude existente no conceito do *phármakon*. Essa desconstrução retórica do *phármakon* se difere da ótica Lacaniana, onde “a

reversão de sentido, apreendida no efeito *phármakon* não pode se realizar sem a intervenção do fator real do gozo” (SANTIAGO, 2017, p. 45). Portanto, o que nos importa no presente trabalho é compreender o efeito *phármakon* sobre a droga, que diz respeito às diversas possibilidades de significações presentes nas substâncias psicoativas.

Partimos, então, de uma perspectiva histórica para podermos pensar nas maneiras nas quais as substâncias psicoativas são apreendidas nos diversos contextos. Durante a idade média, com a ascensão do cristianismo e a queda do Império Romano, podemos ver mudanças relacionadas a administração de substâncias psicoativas, tanto o uso medicinal quanto o uso ritualístico de plantas psicoativas, que passaram a ser condenadas como pecado mortal. Com o cristianismo o que entra em vigor é o ideal da abstinência e do jejum, ao contrário das religiões naturais que, ao comer ou beber Deus, entram em profundo transe psíquico (ESCOHOTADO, 2017).

A caça às bruxas se instaurou devido a manipulação e a utilização de plantas psicoativas serem vistas como práticas demoníacas que incitavam o prazer sexual e orgias, o que se tornou proibida sob pena de tortura. Quando principiou essa perseguição, os médicos hipocráticos já utilizavam o ópio como medicamento, um conhecimento adquirido com os árabes. No entanto, havia diversas barreiras que dificultavam o uso desta planta. Justamente pelo uso ser condenado como bruxaria, apenas médicos bastante influentes conseguiam receitar. Por outro lado, na proibição das substâncias houve a ascensão do vinho. Apesar da igreja católica condenar o uso ritualístico de plantas, o uso do vinho se configura como um símbolo do sacrifício que representa o sangue de cristo, e o pão, o corpo de cristo (ESCOHOTADO, 2017). Segundo Escohotado (2017), para que fosse possível superar a caça às bruxas foi necessário reduzir o caráter sobrenatural das substâncias para algo prosaico, mostrando que o prosaico é benéfico para todos. Sendo assim, os remédios utilizados pelas bruxas começaram a ser apresentados de forma diferente e utilizados pela medicina.

A partir do século XVI, passa a surgir no renascimento o desenvolvimento da prática alquímica numa perspectiva de “ideal retórico” com a tentativa de promover o espírito da erudição (SANTIAGO, 2017). Conforme Santiago (2017), o conhecimento sobre a natureza não correspondia à uma visão da ciência moderna, ao contrário, a compreensão da natureza e a mentalidade alquímica se baseava em uma concepção “agostinista paracelista”, de Paracelso, onde na natureza existe uma força criada que une os seres naturais, animados e inanimados. Logo, nessa força vital, há uma dimensão de mistério -*Mysterium Magnum*- e se manifesta nos seres como um germe responsável pela evolução de cada um. Dessa forma, o alquimista tenta manipular o *Mysterium Magnum* de cada ser, buscando acelerar o processo de evolução de cada

substância. Santiago (2017) destaca que Paracelso introduziu na medicina clássica o uso de remédios metálicos e ópio para tratar doenças, onde este julgava a existência de remédios específicos para determinadas doenças como uma seleção sábia da natureza. Sendo assim, a percepção da alquimia sobre as substâncias ainda possuía uma relação com o misticismo.

Com essa nova modalidade de lidar com as substâncias psicoativas, a droga deixa de assumir um caráter de símbolo e passa a se tornar um signo, no qual está aberta à significação para aquele que a manipula, “o *phármakon*, no mundo das marcas, encontra-se, enquanto signo, aberto à significação produzida por um sujeito idêntico a seu saber, um sujeito que traz em si uma carga de saber” (SANTIAGO, 2017, p.67). A relação existente entre o alquimista e o *phármakon* se refere à teoria da evolução das substâncias da natureza, onde há uma significação daquilo que é perfeito ou imperfeito. “Trata-se de um conhecimento que se opera em uma escala da significação que vai do perfeito ao imperfeito, cujo sustentáculo básico é a apreensão da substância como signo” (SANTIAGO, 2017, p.67). O princípio da evolução da matéria ainda consistia em um conhecimento místico acerca das substâncias.

A apreensão da droga enquanto signo faz uma junção entre significação e signo do *phármakon*. O saber alquímico está “imantado por sua excessiva afinidade com a significação fálica” (SANTIAGO, 2017, p. 68) que tem a ver com um gozo de sentido. O *phármakon*, na medicina clássica, torna-se um objeto do conhecimento que se harmoniza com o saber do mestre.

2.2 A era da ciência e o esvaziamento do efeito *phármakon*

No século XVII com René Descartes, fundador da filosofia moderna, houve uma mudança na forma de apreender as substâncias e a prática da alquimia deu lugar à química, na qual a concepção cartesiana acerca da matéria passa a inaugurar a consolidação do pensamento científico. “Esse trabalho de retificação no curso do pensamento funda a ruptura com toda a tradição de um saber sobre a natureza, a que pertence a alquimia ocidental” (SANTIAGO, 2017, p. 64).

A concepção cartesiana da matéria, condiz com um pensamento que ultrapassa a lógica do pensamento alquímico, uma vez que na alquimia se tratava ainda de uma experiência mística devido a compreensão dada pelo princípio da evolução da matéria. Esta possuía um grau de instabilidade e variabilidade comportando, assim, algo do campo do inefável. Logo, torna-se obsoleta a ideia do aperfeiçoamento das substâncias, pois surge a ideia de que a matéria é semelhante a ela mesma em qualquer lugar do mundo (SANTIAGO, 2017). Outrora, na

alquimia, fazia-se necessário um conhecimento prévio a respeito das substâncias, enquanto que “o sujeito da ciência trabalha na multiplicação das realizações que aceleram a expulsão de qualquer representação a priori da substância” (SANTIAGO, 2017, p. 70).

É preciso, portanto, para um questionamento mais rigoroso, cotejar a problemática em voga pela intrusão da ciência no domínio das substâncias da natureza. Sendo que o discurso científico promove-se por um dito avanço, que procura, por um lado, estabelecer um saber e, por outro, um domínio sobre a natureza. Ou seja, pretende realizar, em sua totalidade, uma coleta “das informações sobre o mundo exterior” (FERREIRA, 2016, p. 46, grifo do autor).

A maneira pela qual a ciência compreende o mundo e a forma que esta busca lidar com o real, passa a transformar as configurações subjetivas, produzindo o sujeito do conhecimento (das profundezas) em sujeito da ciência (do esvaziamento), onde “o único sujeito admissível na ciência é o que produz o esvaziamento de todo o saber enquanto representação, ou significação” (SANTIAGO, 2017, p. 71). Esse novo sujeito é inaugurado a partir do *cogito* cartesiano, que de acordo com Ferreira (2016) “lança luz sobre o enigma da contiguidade do saber humano” (p. 50, grifo do autor).

Até o século XIX, o *phármakon* era obtido exclusivamente em sua forma vegetal (SANTIAGO, 2017). Com o surgimento da farmacologia passou-se a isolar em laboratório o princípio ativo das plantas psicoativas e teve como consequência o surgimento de drogas conhecidas atualmente como a morfina, cocaína, cafeína, heroína, mescalina, além dos primeiros remédios para dormir e a anfetamina. Isto posto, “assistiu-se ao nascimento de um interesse extraordinário por muitas espécies de substâncias, que eram consideradas, umas mais, outras menos, como agentes do efeito *phármakon*” (SANTIAGO, 2017, p. 64).

Nessa nova modalidade discursiva, da ciência, no século XIX há o crescimento da indústria farmacêutica, onde o uso de drogas em forma de medicamentos assumiu uma função de controle da mente. Para Ferreira (2016), “a intervenção da psicofarmacologia científica foi legitimada socialmente com a promessa de proporcionar bem-estar” (p.42). No que diz respeito à sintetização de substâncias, de acordo com Escohotado (2017) a morfina foi a primeira a ser sintetizada e foi bastante utilizada na guerra civil americana e na franco-prussiana para aliviar as dores dos soldados feridos. A morfina se tornou um artigo de luxo e, mais tarde, a heroína como sendo um derivado mais forte da morfina passou a ser medicada e vendida em farmácias como antialérgico e estimulante leve que causa euforia por várias horas. Em 1859, a cocaína foi isolada pela primeira vez e era vendida com a promessa de curar a tristeza. Em diversas bebidas como vinhos e a Coca-Cola possuía cocaína em sua composição. A heroína também era vendida em farmácias como antialérgico e como um leve estimulante.

A ruptura entre a alquimia e a química se desenvolveu com o advento da ciência moderna. Como citado anteriormente, há uma mudança na maneira de apreender e lidar com as substâncias presentes na natureza. Para Santiago (2017), na era da ciência moderna, as substâncias deixam de ser signos abertos à interpretação e passam à condição de significantes. Isso se desenvolve em consequência de uma objetivação do pensamento que transforma o real em objeto. “O real que a ciência, com todas as repercussões de seu saber, na forma prática, ou técnica, busca atingir deve, a partir de então, ser rastreado e dominado do ponto de vista de um plano que se encarna na objetividade do pensamento” (SANTIAGO, 2017, p. 62).

Ainda de acordo com Ferreira (2016), no campo da química, os métodos modernos de análise e pesquisa transformam as substâncias tóxicas em significantes na natureza. As substâncias psicoativas passam a ser categorizadas como substâncias químicas, que conforme Santiago (2017) “se decompõe como um algoritmo, inteiramente desprovido de significações” (p.72).

Na era da ciência, há um esvaziamento do efeito do *phármakon*. A partir daí, o *phármakon* torna-se droga. Isso, por sua vez, ocasionou em uma perda de toda a amplitude de significações existentes nas substâncias psicoativas que estavam presentes em outros contextos discursivos, forcluindo a verdade do efeito *phármakon*, sendo reduzida apenas ao que é tóxico da droga. “A maioria dos produtos químicos são fabricados a partir da extração de substâncias elementares das espécies botânicas em seu composto químico” (FERREIRA, 2016, p. 48-49).

O princípio de orientação desse ramo do saber científico resume-se na análise das modalidades do *mecanismo de ação* dos tóxicos e dos venenos, segundo suas proposições físicas, químicas e biológicas. Seu programa preconiza o estabelecimento de *princípios ativos* das substâncias, de sorte que se possa distinguir, de maneira objetiva, a dosagem letal de um tóxico. Trabalhar com a noção empírica de *intoxicação* implica a delimitação dos graus de nocividade de uma substância no organismo e do conjunto de distúrbios dela resultantes (SANTIAGO, 2017, p. 24, grifo do autor).

Contudo, vê-se que com o desenvolver da ciência, e o surgimento da farmacologia, entre outros acontecimentos no desdobrar da história, a dependência dessas novas drogas criadas em laboratório, passou a chamar a atenção e podemos perceber de acordo com Ferreira (2016) uma tentativa de “impor um enquadre médico-penal e isto sob a rubrica das disposições legislativas acerca da nocividade do uso de drogas” (p. 46). A concepção de nocividade da droga, de que se trata de um componente tóxico que causa danos ao corpo acarreta, segundo Santiago (2017), em uma abordagem do toxicômano de forma puramente policial.

Com o deslocamento do efeito *phármakon*, a droga que antes era substância da natureza, transforma-se em categoria de objeto, pois segundo Ferreira (2016) “o que acontece, portanto,

é que as substâncias psicoativas perdem sua bagagem histórica, cultural e ritualística, convertendo-se em transformações discursivas de instrumentalização, administração e colonização dos corpos” (p. 42).

Por outro lado, podemos destacar com Birman (2014), que no ocidente no século XIX o uso de drogas possuía uma finalidade de contemplação em que eram utilizadas por artistas e, inclusive, no meio político como um instrumento capaz de abrir portas para a reflexão. Ademais, ainda no século XX, por volta das décadas de 50 e 60, o consumo de substâncias fazia parte de movimentos políticos e contraculturais como forma de protesto ao modelo político vigente, “a utilização de drogas se inscrevia efetivamente num projeto existencial, ético e político de transformação do mundo” (BIRMAN, 2014, p. 25).

Além disso, podemos considerar o referencial histórico abordado por Birman (2014) acerca dos desdobramentos ocasionados pelo avanço do discurso da ciência, onde a partir dos anos 1980 e 90, nota-se que houve uma mudança radical no consumo de drogas, “pois estas passaram a ser utilizadas sem qualquer inscrição num projeto utópico de forjar outros mundos reduziram, assim, na sua abrangência existencial” (p.25). Conseqüentemente, o uso de drogas se torna um instrumento que se utiliza para “incrementar a performance do sujeito nas demandas existentes na atualidade” (p. 25) e para suportar as dificuldades do presente.

Birman (2014) destaca uma nova forma de subjetivação produzida a partir da cultura da performance presente na contemporaneidade que acaba por evidenciar uma transformação no uso de drogas na atualidade, que diz respeito não apenas às drogas ilícitas, mas também às utilizadas pela medicina. Nesse sentido, a indústria farmacêutica e o tráfico passam a se desenvolver na mesma proporção, com o diferencial que os psicofármacos são legalizados e vendidos com prescrição médica para finalidades terapêuticas.

Assim, este *silêncio* eloquente sobre esta segunda expansão maciça de drogas se justificaria então pelas finalidades terapêuticas que regulavam o seu uso, tendo, pois, uma legitimidade efetiva, pois estas se voltariam para a promoção do *bem* e não do *mal* nas populações, contrariamente às drogas ilícitas. Tudo se passa então como se isso não colocasse problema e não fosse em si mesmo um problema, mas um serviço para a expansão da saúde e do bem estar, promovendo então a melhoria ostensiva das perturbações psíquicas da população (BIRMAN, 2014, p. 27, grifo do autor).

Com as novas tecnologias criadas pela ciência foi possível não só o isolamento do princípio ativo de plantas psicoativas para se obter drogas sintéticas como também houve a criação de psicofármacos, no qual seria possível, através desses medicamentos, o apaziguamento da angústia e o tratamento de transtornos mentais, surgindo um imperativo de psiquiatrização da existência humana, que tem como pauta a regulação da dor e da angústia, o

que legitima e sustenta o crescimento do consumo de psicotrópicos atualmente (BIRMAN, 2014).

Podemos ainda acrescentar que essas novas configurações acontecem dentro de um modelo social neoliberal, onde os sujeitos se tornam consumidores E onde a performance e a participação no mercado do consumo são os novos imperativos sociais. Em função disso, gera-se um mal-estar social e psíquico, e com essa nova condição há uma psiquiatrização das individualidades que pretende efetuar “a regulação do dito mal-estar, para impedir que este se enuncie como agressividade e violência” (BIRMAN, 2014, p. 32). Logo, o processo de psiquiatrização se verifica a partir de um esvaziamento da subjetividade ocasionado pelo discurso da ciência, no qual se sustenta em uma visão biologicista, cognitivista, reduzindo a dimensão subjetiva em comportamento.

No que concerne a toxicomania na contemporaneidade, Ferreira (2016) destaca que “a droga se torna *droga do toxicômano*, a partir do momento em que a ciência estabelece uma união estável com o capitalismo, e daí com o advento da psicofarmacologia” (p. 51, grifo do autor). Nesse sentido, a droga se torna um objeto e conseqüentemente um bem de consumo. Em meio ao esvaziamento de sentido da experiência do uso de substâncias psicoativas, o efeito da verdade do *phármakon*, foracluído pelo discurso da ciência, retorna na toxicomania (SANTIAGO, 2017).

Faz-se necessário considerar a toxicomania fora da noção limitada do uso exclusivo do tóxico, pois a toxicomania, como vimos, ocorre em decorrência de um efeito discursivo e um esvaziamento provocado pela era da ciência. Em outros contextos discursivos podemos observar que o uso de substâncias psicoativas não era encarado como um problema que causasse prejuízos pessoais, sociais ou políticos. De acordo com Escohotado (2017), até o século XIX, o consumo de substâncias fazia parte do cotidiano de determinados contextos socioculturais. Em diversas culturas, esse consumo era marcado pelo ideal da temperança- uso moderado- onde a abstinência e o excesso eram encarados como negativos (ESCOHOTADO, 2017).

A toxicomania como um efeito do discurso da ciência, leva-se em consideração os desdobramentos do Outro como posição de inscrição que não assume uma posição estável, no qual está aberto às mudanças conforme às circunstâncias da história. (SANTIAGO, 2017). Logo, podemos afirmar com Askofaré (2009), que o sujeito se situa a partir de uma relação com o saber. Atualmente, o sujeito se situa na ciência. Anteriormente, havia um sujeito da magia e da religião, portanto, a subjetividade se encontra “de uma forma histórica e determinada de traços, de posições e de valores que os sujeitos de uma época têm em comum, em suas relações com o Outro, como discurso” (p.170). Ainda de acordo com Santiago (2017):

É assim que as formas do sintoma mudam ao longo do tempo, obedecendo ao processo de metamorfose das configurações dominantes do mal-estar na civilização. Segue-se que a toxicomania assume o lugar de um efeito de discurso, justamente como produto das mudanças operadas pela emergência do discurso da ciência no mundo (SANTIAGO, 2017, p. 37).

Em suma, vimos que a toxicomania enquanto um sintoma, ocorre, dentro de um ponto de vista social, a partir de uma união do discurso médico/científico com o ideal neoliberal, que diz respeito a uma normativa de aquisição exacerbada de bens consumo e da alta performance, que configuram em um novo modo de subjetivação. Considerando a toxicomania como um efeito de um contexto discursivo, a seguir, buscaremos investigar melhor como esta se desenrola no contexto da sociedade do consumo.

CAPÍTULO II

3 IMPOSIÇÃO DE GOZO NA SOCIEDADE DE CONSUMO E A FALHA ESTRUTURAL DO SUJEITO

Segundo Birman (2014), com o advento do neoliberalismo e proposição do Estado Mínimo, o mercado e economia tomaram o lugar do poder soberano do Estado de Bem-Estar, “com o neoliberalismo, um conjunto de práticas sociais que estavam sob a regulação do Estado, passou a ser transformado em mercadoria e se transformou em ativos do mercado: como a educação, a saúde, a ciência, a arte e os saberes em geral.” (BIRMAN, 2014, p. 31). Nesse sentido, os sujeitos perdem os seus direitos fundamentais e assumem o papel de consumidores, tornando-se figura fundamental para a sociedade de consumo.

A sociedade de consumidores é uma sociedade da adição (BIRMAN, 2014, BETTS, 2004), marcada sobretudo pela produção e pelo consumo excessivo de mercadorias. A maior virtude no qual pode-se dizer que um sujeito pode ter, na sociedade de consumo, é o poder de compra, logo, para fazer parte de uma organização que tem como nome exclusivo de “sociedade do consumo”, é necessário que os sujeitos imersos nela sejam consumidores. (BAUMAN, 2008).

Pode-se dizer que o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na principal força propulsora e operativa da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de autoidentificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de políticas de vida individuais. (BAUMAN, 2008, p. 41)

A sociedade de consumo é marcada por uma grande produção de mercadorias que são oferecidas aos consumidores com a promessa de que irão satisfazer plenamente os seus desejos. Por outro lado, há uma contradição presente, pois para que o capitalismo continue crescendo é preciso que se consuma cada vez mais, nesse sentido, é falsa a promessa de satisfação plena, o sucesso do capitalismo se desenvolve graças a não satisfação dos desejos dos consumidores, trata-se de uma satisfação momentânea (BAUMAN, 2008).

Cada uma das promessas deve ser enganadora, ou ao menos exagerada. Do contrário, a busca acaba ou o ardor com que é feita (e também sua intensidade) caem abaixo do nível necessário para manter a circulação de mercadorias entre as linhas de montagem, as lojas e as latas de lixo. Sem a repetida frustração dos desejos, a demanda de consumo logo se esgotaria e a economia voltada para o consumidor ficaria sem

combustível. É o excesso da soma total de promessas que neutraliza a frustração causada pelas imperfeições ou defeitos de cada uma delas e permite a acumulação de experiências frustrantes não a ponto de solapar a confiança na efetividade essencial dessa busca (BAUMAN, 2008, p. 64-65)

Logo, a manutenção do capitalismo se deve à insaciabilidade das necessidades e à instabilidade dos desejos dos sujeitos alinhados ao imperativo de consumo. Ademais, a oferta incessável de novas mercadorias produz nos sujeitos novas necessidades e novos desejos. Para que isso sempre ocorra é necessário que as mercadorias sejam adquiridas e descartadas rapidamente em uma lógica que Bauman (2008) denomina de “obsolescência embutida” (grifo do autor, p.45). De acordo com Bauman (2008) a cada nova mercadoria que é ofertada, são oferecidas novos começos e novas chances de “ressurreição” (grifo do autor, p.66’). Portanto, a promessa de satisfação plena faz com que os consumidores adquiram as mercadorias, mas estas só são capazes de causar uma satisfação moderada, pois a todo momento são lançados novos produtos que abrem portas para o surgimento de novas necessidades, sendo novamente utilizadas as mesmas promessas de satisfação.

Somos impulsionados a buscar continuamente por uma satisfação plena oferecida pelo capitalismo e, ao consumirmos, estamos atendendo a essa demanda, o que leva à compulsão e ao vício (BAUMAN, 2008). Uma vez que nunca seremos capazes de nos satisfazer plenamente, iremos buscar repetidamente maneiras de satisfação. Essa é a lógica capitalista que se coloca à sociedade do consumo: a incapacidade de se ver plenamente satisfeito. Aproveita-se da incapacidade inerente do ser humano de se gozar plenamente. De acordo com Costa (2004):

O mercado serve-se desta falha constitucional do sujeito, oferecendo um ideal de completude, um ideal de igualitarismo distribucional do gozo, amparado, por sua vez, no afã do lucro (mais-valia), conseguindo produzir, desta forma, verdadeiros escravos consumidores. Isto é bom para o mercado. (COSTA, 2004, p. 61).

Esta falha estrutural diz respeito ao que Lacan (1960/1998) denomina como *falta-a-ser*, falta esta que se instala a partir de uma perda de objeto no momento em que o sujeito adentra na linguagem. Como consequência dessa operação, o sujeito constitui-se como dividido/barrado, portanto, desejante. Para compreendermos melhor essa dimensão da falta constitutiva do sujeito será necessário nos debruçarmos na psicanálise acerca de como se desenvolve a constituição do sujeito. Também devemos levar em consideração como o sujeito se constitui no campo do Outro, uma vez que já citamos Askofaré (2009) para referir que a subjetividade está relacionada com o Outro de seu tempo. Nesse sentido, nos implicamos em fazer um retorno a Lacan para pensar na relação no qual sujeito se coloca frente às demandas de um Outro que muda historicamente, uma vez que o capitalismo se utiliza dessa falha

estrutural do sujeito para impulsioná-lo ao consumo desenfreado. No que se refere ao Outro que muda historicamente, sobre o ideal do Outro como imperativo de consumo que se articula com aquilo que falta ao sujeito (BAIMA, 2011).

Sobre a constituição do sujeito, Lacan acrescenta a questão da alienação e separação no Seminário 11 (1964/2008) para se referir aquilo de que a sua teoria do simbólico ainda não havia conseguido abarcar, logo, a teoria da alienação e separação vem para complementar a teoria da constituição do sujeito que ocorre com a entrada na linguagem, ou seja, no mundo do simbólico. Mas, a partir daí, acrescenta a dimensão do real (do objeto *a*) como um resto da operação da entrada na linguagem, um resíduo da operação no qual o sujeito se vê assujeitado ao discurso do Outro (LACAN, 1962-63/2005). Pensar a constituição do sujeito a partir da alienação e separação, de acordo com Baima (2011), permite-nos visualizar a constituição do sujeito no campo do Outro, considerando o real como algo que sobra, no qual o simbólico não consegue abranger.

Para entender como se desenvolve essa operação, podemos trazer apontamentos que Lacan (1957-58/1999) faz no Seminário 5: As formações do inconsciente, sobre os 3 tempos do complexo de Édipo. Ainda nesse momento, Lacan (1957-58/1999) nos apresenta uma constituição do sujeito a partir do referencial do simbólico que antecede suas formulações sobre o real. Todavia faz-se importante realizar esse percurso, visto que nosso processo de constituição enquanto sujeito desejante perpassa pela entrada no campo da linguagem.

Em um primeiro momento, a mãe é não só como responsável pelos cuidados da criança para suprir suas necessidades, mas como também a primeira a inserir a criança em um mundo de linguagem, assumindo o papel de um Outro primordial. Nesse momento, de acordo com Lacan (1957-58/1999), vê-se a presença de uma relação imaginária, no qual a mãe coloca o bebê no lugar de falo e este se identifica nesse lugar se alojando como objeto que irá satisfazer o desejo insatisfeito do Outro materno, “o que a criança busca, como desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, *to be or not to be* o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1957-58/1999, p. 197).

Como citado anteriormente, a criança se vê em uma relação imaginária com a mãe, o Outro primordial, que se encontram em uma posição de sujeito e de um Outro mítico, ou seja, que não são castrados, e portanto podem gozar plenamente (Lacan, 1962-63/2005). No entanto, é preciso que exista algo que barre esse gozo incestuoso, para que a criança não seja devorada completamente pelo desejo do Outro e possa a vir a se tornar sujeito. Esse ponto se configura como o segundo tempo do Édipo. Lacan (1957-58/1999) aponta essa interdição como o Nome-do-Pai que incorpora a lei castrando o Outro materno de ter o falo e a criança de ser o falo:

“Observemos esse desejo do Outro, que é o desejo da mãe e que comporta um para-além. Só que para atingir esse para-além é necessária uma mediação, e essa mediação é dada, precisamente, pela posição do pai na ordem simbólica” (LACAN, 1957-58/1999, p. 190).

O Nome-do-Pai como um agente que simboliza a lei que impõe um limite no Eu, impedindo que o bebê e mãe obtenham uma satisfação absoluta dessa relação a dois. O pai aparece como um terceiro que simboliza a lei para interditar essa relação entre a mãe e a criança, por outro lado, não só a figura do pai exerce essa função de interdição, ele se apresenta apenas como um outro objeto de desejo da mãe, para além da criança, dessa forma, a mãe também pode apontar o seu desejo para outras instâncias que acabam por exercer a função do Nome-do-Pai (LACAN, 1957-58/1999).

O pai entra nessa relação como um terceiro que interdita a relação entre a mãe e o bebê, privando a criança de ter a mãe como objeto de satisfação. O pai como uma figura que representa o significado do desejo materno é percebido pela criança como o detentor do falo, no qual o falo se configura como o objeto de desejo da mãe, onde em um primeiro momento a criança se via identificada com essa posição (LACAN, 1957-58/1999).

Segundo Lacan (1957-58/1999) o pai é o pai simbólico, é uma metáfora, ou seja, que surge como significante para substituir um outro significante. A metáfora paterna consiste “propriamente, no que foi constituído por uma simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe” (LACAN, 1957-58/1999, p. 186). Na medida em que a mãe vai e vem é que a criança passa a simbolizar o desejo materno como um enigma, no qual é atribuído ao pai o significado do desejo da mãe.

A pergunta é: qual é o significado? O que quer essa mulher aí? Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela - é o x , o significado. E o significado das idas e vindas da mãe x , é o falo (LACAN, 1957-58/1999, p. 181).

O Nome-do-Pai se instaura como uma lei que barra a mãe e o bebê e indica o desejo materno para o pai. Lacan (1957-58/1999) aponta que a mãe é submetida à uma lei, a lei do pai, na qual ela precisa passar para poder atender as demandas da criança.

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja Édipo lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo.” (LACAN, 1957-58/1999, p. 199).

Na medida em que a mãe é posta pelo Nome-do-Pai como castrada/faltosa, submetida à lei é que acontece a metáfora paterna, a substituição de significantes do Outro materno para o Outro da lei. Além disso, no processo de substituição do significante materno para o paterno,

o resultado dessa operação é a instalação do falo como significante da lei que introduz o sujeito na organização significativa (LACAN, 1957-58/1999).

No terceiro tempo do Édipo, o pai como onipotente e detentor do falo, segundo Lacan (1957-58/1999), pode oferecer à mãe aquilo que ela deseja (o falo) e esse momento se configura com o fim do complexo de Édipo. Ainda de acordo com Lacan:

No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente. Esse tempo se sucede à privação ou à castração que incide sobre a mãe, a mãe imaginada, no nível do sujeito, em sua própria posição imaginária, a dela, de dependência. É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e Édipo que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo se declina (LACAN, 1957-58, p. 201).

Em síntese, Lacan (1957-58/1999) no Seminário 5, aponta o término do complexo de Édipo com a entrada do sujeito no simbólico, no qual o Nome-do-Pai como um significante do desejo materno, e portanto, significante que representa a lei é o responsável por inserir o bebê no mundo do simbólico. No entanto, é necessário pontuar que se dá por uma “escolha” do sujeito, que diz respeito à forma em que o sujeito se estrutura na linguagem, segundo Lacan, essa separação mãe-bebê.

Existem graus, é claro, e essa relação não é a mesma na neurose, na psicose e na perversão. Mas essa configuração, de qualquer modo, é nodal. Nesse nível, a questão que se coloca é ser ou não ser, to be or not to be o falo. No plano imaginário, trata-se, para o sujeito, de ser ou não ser o falo. A fase a ser atravessada coloca o sujeito na situação de escolher (LACAN, 1957-58/1999, p. 192).

Segundo Morais (2017) a partir da presença ou da ausência do significante do Nome-do-Pai que é possível realizar um diagnóstico diferencial e estrutural na clínica psicanalítica, analisando o lugar em que o sujeito se posiciona diante do Outro. Ademais, a metáfora paterna e o falo como um operador do simbólico não são suficientes para estruturar o sujeito no campo do Outro, é necessário que o sujeito assuma uma posição em relação ao desejo do Outro. Nesse sentido, podemos acrescentar o que Lacan pontuou no Seminário 11 sobre a alienação e separação, para pensar em como o sujeito se constitui nesse campo.

Segundo Soler (1997) nenhum sujeito escapa à alienação, este ponto configura-se como aquilo que destacamos como o primeiro tempo do Édipo. No caso da separação acontece por uma “escolha” inconsciente do sujeito, “a separação é algo que pode ou não estar presente, e aqui Lacan evoca um *velle*, em francês *vouloir*, em inglês *a want*, um querer. Isso é muito semelhante a uma ação do sujeito.” (SOLER, 1997, p. 62, grifo da autora).

De acordo com Morais (2017), para que o bebê se separe da mãe e entre na linguagem é preciso que se pague um preço, que abra mão de uma parte de gozo, daquele gozo mítico no

qual o bebê se encontra como o falo da mãe. Ademais, o processo de separação está relacionado com o que Lacan (1964/2008) apresenta: *A bolsa ou a vida!* no qual se o sujeito escolhe a vida, perde-se algo que nunca será recuperado, mas ainda assim, o sujeito permanece com vida. Morais (2017, p. 197) destaca que a bolsa pode ser entendida como “a parte decepada do ser que fica para trás no caminho de se tornar um sujeito de linguagem”, é a partir dessa operação que o objeto *a* cai como o resto dessa parcela de gozo que é subtraído, constituindo o sujeito do desejo.

Além disso, para que ocorra a separação é necessário que o Outro se apresente de outra maneira, como desejante. Segundo Soler (1997) o Outro se implica de formas diferentes na alienação e na separação. No primeiro, este se encontra como cheio de significantes e no segundo momento algo lhe falta. Isso que falta ao Outro diz respeito ao desejo, uma vez que só há desejo se houver falta. Soler (1997), designa o desejo com o símbolo da falta, o menos *phi*, o significante fálico.

Podemos concluir que a castração do sujeito e, portanto, a sua entrada na linguagem acontece a partir do momento em que a criança percebe que o Outro primordial também é faltoso, e conseqüentemente ocorre a separação. Citando Lacan (1964/2008):

Aquilo pelo que o sujeito encontra a via de retorno do *vel* da alienação é essa operação que chamei, outro dia, separação. Pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-la, a mãe, no caso. É no que seu desejo está para além ou para aquém no que ela íntima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito. (LACAN, 1964/2008, p. 213-214).

De acordo com Morais (2017), a separação acontece quando o significante do Nome-do-Pai institui a lei, proporcionando que a criança saia da alienação do Outro primordial e possa adentrar no campo da linguagem, se estruturando por um Outro que é regulado pela lei. Portanto, é a partir da falta do Outro primordial que o sujeito se constitui como desejante, o desejo do sujeito é moldado a partir do desejo do Outro. Em um primeiro momento, o desejo era estruturado como desejo do outro materno e, com a separação, o sujeito se volta para o desejo do Outro da lei. Para Braunstein (2007) é a Lei, com “L” maiúsculo, a Lei do Outro, da cultura consubstancial da linguagem que impõe limites e a perda do gozo que só se faz possível a partir da divisão instalada no Outro.

De acordo com Lacan (1964/2008) o sujeito se instaura a partir das faltas do Outro, o sujeito não consegue ser representado no Outro, uma vez que este último é não-todo. Ainda há

uma segunda falta, no qual Lacan destaca que se opera nas hiências do discurso do Outro. São nesses intervalos que a criança apreende o desejo do Outro e passa a questionar-se sobre. Nesse sentido, o desejo do sujeito se funda no campo do discurso do Outro a partir do desejo do Outro referido na lei.

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro surge na experiência, o seguinte, que é radicalmente descartável- ele *me diz isso, mas o que é que ele quer?* (LACAN, 1964/2008, p. 209).

Como resultado dessa operação de separação, Lacan (1962-63/2005), aponta que algo se perde, como citamos anteriormente, o que se perde é o objeto *a*, que se constitui como resto de real, um resíduo do resultado de operação da constituição do sujeito no campo do Outro que não consegue ser simbolizado. Ademais, é algo que cai dessa operação que nunca será recuperado, é a libra de carne no qual o sujeito paga para entrar na ordem do simbólico que se configura como a falta inerente do sujeito. Nessa perspectiva, o sujeito dá suas voltas na tentativa de recuperar o que é perdido, instaurando, portanto, o objeto *a* como objeto causa de desejo. De acordo com Baima (2011), o objeto *a* movimenta o encadeamento do desejo do sujeito, visto que remete à um momento de completude, em que o sujeito não era barrado pela linguagem.

Além disso, podemos acrescentar o supereu que para Freud (1923/2011) se configura como o herdeiro do complexo de Édipo, ou seja, que marca a entrada do sujeito na cultura. Em *totem e tabu*, Freud (1913/2012) aponta o assassinato do pai primitivo como fundador das regras sociais e do supereu. Lacan (1957-58/1999) também considera a origem do supereu com a instauração da lei e a entrada no campo do simbólico. Por outro lado, para Baima (2011, p.93), Lacan a partir de suas formulações sobre o real, passa a formalizar o supereu como parte do registro do real, onde o supereu “surge com a instituição do sujeito barrado e vem a ordenar a impossível restauração da falta que seria alcançada com a recuperação do objeto perdido”, onde o supereu passa a ser definido como uma instância que ordena o gozo.

Lacan (1962-63/2005), aponta que ao passo que o sujeito identifica o seu desejo como o desejo do Outro, o supereu exerce que o desejo do Outro assuma um estatuto de ordem, que ordena um gozo pleno. Segundo Baima (2011), “o supereu atua como símbolo da falta e aponta o ideal do Outro como aquilo que indica a possibilidade de restaurar a falta” (p.96). Afirma ainda que o imperativo de gozo do supereu se sustenta em uma fantasia de que o Outro não é barrado e, portanto, o ideal do Outro é uma alternativa de alcançar a restauração da falta.

Para Braunstein (2007), o supereu exige satisfações que não são da ordem da necessidade ou da demanda marcando o desejo como perigoso, ao passo que indica a ameaça da castração, “perpetua seus imperativos de sacrifício de dívida impagável, de posse subjugante exercida pelo Outro” (p.45), exprimindo uma ordem “Goze!”, um imperativo que marca um chamado ao sujeito de que ele não está a serviço de si mesmo e precisa prestar contas a algo superior.

Uma vez que o sujeito abriu mão de uma parcela de gozo para adentrar na linguagem, no movimento pulsional, o sujeito busca retornar a esse estado anterior de gozo, no qual o sujeito só se dá conta dele na medida em que o perde, para Braunstein (2007) é um gozo originário, anterior à Lei, maldito que deveria ser substituído por um gozo fálico, próprio dos sujeitos da lei. O gozo fálico é consecutivo à aceitação da castração, “é possível a partir da inclusão do sujeito como súdito da Lei no registro simbólico, como sujeito da palavra que está submetido às leis da linguagem”(BRAUNSTEIN, 2007, p. 32).

Dessa maneira, o sujeito barrado na tentativa de recuperar o gozo perdido se depara apenas com o gozo fálico, segundo Braunstein (2007), é um gozo linguageiro que pode ser alcançado, mas que perpassa fora do corpo e que está “submetido aos imperativos e às aspirações do ideal do eu que o comandam com falsas promessas de recuperação [I(A)]” (p.57). O [I(A)] condiz com o ideal do Outro não barrado idealizado pelo sujeito, como via de restituição da falta. Podemos acrescentar com Baima (2011, p.99), “o supereu sempre delata a falta do sujeito, traz o imperativo de gozo pleno, e impele o sujeito a tentar resgatar-se da falta com base a obediência e convicção do ideal que vem do Outro [I(A)]”.

Lacan (1964/2008), se utiliza da teoria pulsional de Freud (1915/1996) para apresentar que o sujeito, ao tentar recuperar o objeto perdido, realiza um movimento de contorno do objeto da pulsão obtendo satisfação. Em “Os instintos e seus destinos”, Freud (1915/2010) destaca que a pulsão tem como em sua última meta obter satisfação por meio da descarga de excitação, porém a satisfação pulsional é apenas parcial visto que a entrada na civilização implica na interdição e no adiamento. Freud (1915/2010) destaca os objetos da pulsão como mutáveis e que representam um objeto perdido. Nesse sentido, Lacan (1964/2008) aponta que o objeto da pulsão se apresenta na presença de um vazio, na forma de objeto *a*.

Braunstein (2007, p. 53), seguindo Lacan, destaca que a pulsão não possui como meta a satisfação, “mas a falha que relança o movimento pulsional, incansavelmente, sempre para frente.” O sujeito barrado, na busca pela completude, encontra-se impelido a buscar recorrentemente por objetos que o satisfaçam, o que acarreta na compulsão à repetição, uma vez que a satisfação só ocorre de forma parcial. Segundo Baima (2011, p. 88), “a busca pelo

gozo pleno está relacionada com a pulsão, pois na medida em que a pulsão deixa um saldo de insatisfação, ela estimula a repetição”. Uma vez perdido, o gozo originário não é possível recuperá-lo, o que lhe resta é apenas a nostalgia criada retroativamente, pois uma vez que foi perdida uma parcela de gozo, o sujeito insiste nessa recuperação, o que implica na compulsão à repetição. De acordo com Pacheco Filho (2010) essa repetição se renova pelo fato de os objetos da pulsão não darem conta da hiância do sujeito provocada pela entrada no simbólico.

Após fazermos esse percurso acerca da constituição do sujeito e a falta estrutural que faz o sujeito dar voltas em busca de restituir a falta, podemos destacar que o processo de estruturação do sujeito independe da objetividade histórica. Por outro lado, devemos considerar as diferentes formas que os sujeitos encontram para lidar com a falta, na forma como se instala a fantasia no laço social que idealiza um Outro consistente para lidar com o real (BAIMA, 2011): “a matriz da alienação estrutural do sujeito possibilita o surgimento de novas formas de alienação que se apresentam nas sociedades”(BAIMA, 2011, p. 97). Segundo Pacheco Filho (2010), a harmonização entre as fantasias criada por cada sujeito com a ordenação de gozo por via dos discursos possibilita o compartilhamento da realidade no laço social, no sentido de que juntos os sujeitos procuram formas de construir uma realidade compartilhada para buscar a eliminação da falta.

Como vimos com Askofaré, o Outro está sujeito à mudança de acordo com o contexto histórico, nesse sentido, segundo Baima (2011) o ideal do Outro na contemporaneidade diz respeito ao consumo. Logo, o consumo é assumido como um imperativo social, no qual é pregada a ideia de que é possível uma satisfação plena por via da aquisição de mercadorias, no aqui e agora. A partir da noção de que através do consumo será possível alcançar o gozo pleno, o consumo é colocado no lugar do Outro não barrado e o supereu age colocando o consumidor como sujeito faltante impondo a busca pelo gozo pleno.

Segundo Ramos (2007), na contemporaneidade, é produzido um saber sobre o gozo que leva os sujeitos ao consumo, no sentido de que há uma convicção construída por meio das propagandas sobre aquilo que é necessário para promover uma satisfação plena. A propaganda “encontra sua eficiência como fiadora do saber do gozo do outro: ela garante esse saber que aliena o outro no fazer e que se repete no ato de consumo” (RAMOS, 2007, p.103). Dessa forma, a instância do supereu se alia com a imposição de consumo da atualidade reforçando o imperativo de busca ao gozo pleno.

Como citamos anteriormente, a sociedade do consumo é marcada por uma incessante oferta de mercadorias que prometem uma satisfação plena. Por outro lado, para que se continue consumindo e o capitalismo prospere, é preciso que o desejo nunca esteja satisfeito, logo,

sempre irão surgir novos produtos com uma nova promessa de satisfação. Conforme Baima (2011), o supereu, como sendo uma instância que vigia e pune, o sentimento de culpa aparece no momento em que há o desencontro com o gozo, com o objeto perdido, no momento em que o sujeito percebe que o produto consumido não lhe trouxe a satisfação plena que esperava, e conseqüentemente o consumidor irá buscar consumir outros produtos que prometem trazer essa satisfação.

A busca incansável e repetitiva do objeto perdido por meio do consumo insere os consumidores em uma lógica de compulsão à repetição. É dessa forma que a sociedade do consumo se configura como uma sociedade da adicção que não se restringe apenas às drogas, mas a outros objetos de consumo presentes na atualidade.

CAPÍTULO III

4 A TOXICOMANIA E A DROGA COMO MERCADORIA

Para Freud (1930/2010) a vida é muito árdua para ser suportada, em razão de três fontes principais oriundas de sofrimento. A primeira seria devido à finitude do nosso corpo, a segunda seria o mundo externo que podem voltar-se contra nós e, por último, a sociedade e a cultura. Ademais, esse sofrimento destacado por Freud, que está relacionado com um mal-estar gerado pela certeza da finitude da vida, também tem relação com um mal-estar decorrente do desenvolvimento das civilizações, no qual os seres humanos tiveram que se submeter à renúncia da agressividade e da sexualidade para conviverem entre si, e conseqüentemente essa repressão acarretou em um mal-estar vivenciado pelos sujeitos. Tendo em vista, os sujeitos buscam maneiras pelas quais seja possível suportar o peso da condição humana.

Dentre as alternativas para lidar com o sofrimento inerente à condição humana, Freud (1930/2010) destaca o uso de drogas como sendo a forma mais agressiva, porém mais eficaz, devido à composição química capaz de alterar a percepção do sujeito lhe proporcionando prazer e tornando-lhe insensível ao desprazer. Dentre as outras possibilidades, Freud (1930/2010) destaca a religião, a sublimação, a loucura, a arte, o trabalho intelectual ou a busca de um objeto amoroso.

Pacheco Filho (2007), faz menção a Freud para falar que, além do mal-estar provocado por excitações externas, o sujeito também experimenta um desamparo dentro de seu ser que diz respeito à intensidade insuportável das pulsões. Além disso, por meio do recalque é provocado uma cisão no Eu no qual ele aliena o seu desejo no campo do Outro, experimentando sua falta-a-ser, como citamos no capítulo anterior, decorrente de um “captura imaginária do ser pelo desejo do Outro: desejo que o determina, mas que lhe é desconhecido” (PACHECO FILHO, 2007, p. 32). Diante dessa falha estrutural do ser, nos dirigimos ao Outro, a sociedade e a cultura na tentativa de nos reencontrar com o objeto de desejo jamais contato, no entanto, somos regidos pela Lei que regula o gozo de forma que só podemos experimentá-lo de forma parcial. (PACHECO FILHO, 2007).

Dito isso, podemos partir para o ponto de pensar em como se suscita o uso de drogas na contemporaneidade. Percebemos que o consumo de drogas sempre esteve presente entre os seres humanos, no entanto, com o advento do discurso da ciência e o neoliberalismo houve uma mudança na forma como as drogas são apreendidas e conseqüentemente a forma como a droga é consumida atualmente.

A ideia de completude e perfeição vendida pelo capitalismo, torna possível a grande venda de objetos, uma vez que nos remete ao ideal de gozo igualitário. Somos impulsionados a buscá-lo incessantemente, logo, as drogas entram como uma alternativa de acesso ao consumo (COSTA, 2004). Dessa forma:

O desejo é organizado de forma perversa, uma vez que o oferecimento do objeto é justamente para completar o Outro. A busca desta completude nos objetos, nas coisas de consumo, nas drogas, se repetirá infinitamente, na angústia do sujeito para encontrar o objeto que a causa. (COSTA, 2004, p. 61).

Ainda podemos acrescentar com Pacheco Filho (2007) sobre a toxicomania como decorrente da sociedade capitalista, haja vista que ocorre dentro de um contexto que se fundamenta em um imperativo de consumo, que diz “Goze! “, “Consuma!”, no qual influencia diretamente nas formas de intensidade, frequência e no modo que as drogas são consumidas.

De acordo com Ribeiro (2009), a toxicomania é um fenômeno que faz parte da lógica do mercado capitalista. A partir do avanço científico e das tecnologias foi possível a criação das drogas conhecidas atualmente, que transitam dentro do sistema de mercado como um bem de consumo, tanto as ilícitas quanto aquelas criadas pela medicina fazem parte dessa racionalidade econômica. Nesse sentido, a droga, principalmente do mercado ilegal é encaixada como um “produto ‘democrático’, haja vista que atinge todas as classes sociais” (RIBEIRO, 2009, p. 334, grifo da autora).

Podemos destacar com Birman (2014) que a medicalização na atualidade surge como uma tentativa de sustentar uma cultura da performance característica da contemporaneidade, que se constitui como uma nova forma de subjetivação e conseqüentemente evidencia uma nova gramática do uso de drogas, tanto das drogas ilícitas quanto das lícitas criadas pela medicina, de forma que os psicotrópicos se transformaram em uma das mercadorias mais consumidas e valorizadas na contemporaneidade, tendo em vista a melhoria das perturbações psíquicas dos sujeitos.

Portanto, é o imperativo insofismável de psiquiatrização da existência humana, nos seus menores detalhes, o que está em pauta aqui de maneira eloquente, de fato e de direito, nesta expansão da performance, que tem como contraponto a regulação ostensiva das experiências da dor e da angústia. Seria isso, enfim, o que estaria de fato em pauta como o que legitima e cauciona a inflação do consumo de psicotrópicos pelos indivíduos hoje (BIRMAN, 2014, p. 28).

Assim, as drogas na sociedade do consumo surgem como mercadoria. Na medida em que a indústria farmacêutica se desenvolveu, foram criadas novas drogas para serem utilizadas com finalidade terapêutica como forma de lidar com o mal-estar. De acordo com Betts (2004),

o crescimento da indústria farmacêutica aponta a potência do discurso técnico-científico que influencia diretamente na forma como encaramos e lidamos com o mal-estar na civilização, de forma que as drogas tanto legais quanto ilegais estão sendo cada vez mais procuradas como solução de problemas. “É no real das reações bioquímicas inseridas num contexto de linguagem sócio-cultural que a contemporaneidade procura tornar suportável o crescente mal-estar de viver” (BETTS, 2004, p. 67). Essa forma de medicalização para lidar com o mal-estar, segundo Santiago (2017, p. 181), tem sua eficácia uma vez que visa unificar a divisão da falta-a-ser que tem como consequência “o apagamento dos efeitos dolorosos da divisão subjetiva”.

O recurso do toxicômano às drogas se caracteriza como um entre os diversos efeitos que a ciência produz no mundo. O advento da ciência não só permite um acesso ao real, jamais alcançado pela percepção humana, como também cria novos objetos que oferecem ao sujeito meios de uma recuperação da satisfação libidinal, são eles os *gadgets*, “o lado fortemente utilitarista desses objetos é o fator que viabiliza o enfoque conceitual da ciência como discurso, portanto, como um dispositivo de saber que produz laço social” (SANTIAGO, 2017, p. 177). A ciência fabrica esses produtos e encontra um meio de ligá-los ao desejo do sujeito de forma que a satisfação ocorra por meio desses objetos.

É importante destacar que, na atualidade, existem diferentes modalidades do uso de drogas e diferentes tipos de gozo. Ribeiro (2009) aborda a questão da possibilidade de formação de laço social por meio da droga, onde o consumo de drogas como *gadgets* é regulada por laços sociais, por exemplo, na adolescência é capaz de formar laço uma vez que grupos de jovens podem se reunir e se identificarem em torno de um significante comum que é a droga. Já na toxicomania, há uma colagem do sujeito com o objeto droga, no qual há um rompimento dos laços sociais, inclusive, implica em um modo que prejudica a manutenção da vida do sujeito.

A droga enquanto um *gadget*, que é consumida como qualquer outro objeto de consumo (referido como um mais-de-gozar), o seu gozo é regulado a partir dos ideais fálicos sociais (RIBEIRO, 2009). Nem todo consumo de substâncias se enquadra como uma toxicomania, pois também existe o uso ocasional que em certa medida não se configura como algo patológico. Para a psicanálise, o uso abusivo de drogas diz respeito a uma escolha rígida no objeto de satisfação da pulsão, apesar de não oferecer satisfação plena, pois a droga também se trata de mais um objeto substituto de satisfação (RIBEIRO, 2009).

A droga como mais-de-gozar adquire um estatuto de causa de desejo, provocado pelo capitalismo como sendo causa da produção extensiva de mercadorias que tem como consequência a insaciabilidade com os objetos de consumo. Segundo Inem (1998), a droga

assim como os outros objetos de consumo, visam suturar a divisão do sujeito, cujo a expressão do gozo é a mais-valia.

Nesse sentido, as drogas são oferecidas como *gadgets*, como falsa possibilidade do sujeito se remediar com a castração. No entanto, o diferencial da droga para os outros *gadgets* é que o uso ocasional pode se transformar em um objeto fixo de gozo do sujeito, configurando na toxicomania, onde a droga se torna um objeto de gozo monótono que rompe com o gozo fálico, via de acesso ao desejo do Outro (RIBEIRO, 2009).

Nesse sentido, se no consumo/uso de drogas, as drogas desempenham a função de objeto mais-de-gozar (objeto a), sempre faltoso, nas toxicomanias, a função parece ser a de objeto causa de gozo (cristalização do objeto a no objeto droga), mas um gozo que escapa à regulação fálica, um gozo que é definido por alguns autores como um modo de recuperação do gozo do Outro (SANTIAGO, 2001; MELMAN, 2000), um gozo invasivo que se apodera do sujeito (RIBEIRO, 2009, p. 342).

De acordo com Lima e Alves Junior (1998) o gozo do toxicômano é uma ruptura artificial com o gozo fálico, trata-se de um gozo que passa pelo corpo, diferente do gozo obtido através do consumo de bens adquiridos, como artigos de *griffes*, automóveis e dispositivos eletrônicos, no qual o consumo ainda se sustenta no gozo fálico. Para Inem (1998), o gozo da toxicomania não passa pelo corpo do Outro como sexual, mas pelo corpo do próprio sujeito que diz respeito a um gozo auto-erótico onde há a anulação do outro.

Retornando com Santiago (2017) sobre o mal-estar na civilização, este faz alusão a Freud para falar que o recurso à droga como uma solução para lidar com o mal-estar se constitui como precária, provisória e instável, uma vez que não evita o retorno de um efeito nocivo e perigoso, onde o imperativo de felicidade regido pelo princípio do prazer leva ao encontro com a pulsão de morte.

Na verdade, a satisfação obtida na tentativa desesperada de evitar o sofrimento carrega consigo, em contrapartida, a nocividade inerente da pulsão de morte. Em termos do princípio ético absolutamente original, a psicanálise formula que o objetivo do sujeito é fazer passar, de imediato, o prazer, antes da prudência; mas a punição segue de perto essa tentativa. (SANTIAGO, 2017, p.127).

Além disso, Santiago (2017) destaca que deve-se levar em conta a questão droga a partir do fundamento paradoxal da satisfação pulsional, pois para obter a satisfação pulsional é necessário abrir mão do gozo supremo. A interdição desse gozo supremo como condição para satisfação, segundo Santiago (2017), constitui-se como um elemento crucial para a fundamentação da hipótese sobre a prática da droga, pois a intoxicação química se caracteriza-se “como uma técnica de limitação do ideal de felicidade suprema e inacessível, em que esta

dimensão do ilimitado é parte integrante e constitutiva” (p.128). No sentido de que no ato toxicomaniaco há uma mediação mortífera e destrutiva sobre o circuito pulsional na tentativa de encontrar uma via de acesso ao gozo ilimitado.

Esse gozo do toxicômano, que tem como objetivo romper com o gozo possível regido pelos ideais civilizatórios, possui um caráter cínico, como sendo o sujeito toxicômano como aquele que goza com o próprio corpo, recusando-se a aparecer diante do desejo do Outro. Segundo Santiago (2017), o método químico de intoxicação possui uma particularidade autística e solitária, logo, essa parceria cínica com a droga, “manifesta-se exatamente na maneira de obter satisfação, sem entrar em relação com outros e, principalmente, com o parceiro sexual” (SANTIAGO, 2017, p. 133). Trata-se de um gozo cínico, pois o sujeito metaforiza o gozo no próprio corpo e recusa que este passe pelo corpo do outro, havendo uma rejeição do Outro. “Essa posição subjetiva do toxicômano quanto a esse lado autístico de seu modo de gozo explica-se por sua capacidade de fazer da droga uma causa de gozo, mas, em nenhuma circunstância uma causa de desejo” (SANTIAGO, 2017, p. 188).

O toxicômano encontra-se em um “casamento feliz” com a droga, metáfora que Freud (1912/1996) faz para referir à relação simbiótica que o bebedor estabelece com sua garrafa de vinho, que sustenta em uma escolha rígida do objeto de satisfação pulsional na forma de satisfação erótica. Segundo Santiago (2017, p. 133), há “mais que uma relação harmônica, a fidelidade ao produto na satisfação tóxica, determina, para o sujeito, o desvio da satisfação pulsional”. Para o autor, o que se torna importante sobre a questão da toxicomania é o investimento que o sujeito faz no produto como um único modo de satisfação que encobre todos os outros objetos.

De acordo com Santiago (2017), supõe-se que o recurso da droga seja uma tentativa de mascarar o mal-estar decorrente da perda do objeto originário de desejo. Em consequência disso, a escolha do tóxico é considerada como um curto-circuito na relação com o Outro do sexo, uma vez que a relação com esse Outro remete à castração, a falta constitutiva do sujeito, no qual nessa relação pressupõe “o consentimento do mal-estar constitutivo da perda primordial de objeto” (p.133). Nesta perspectiva, a satisfação tóxica consiste em uma ruptura com o desejo do Outro.

Compreende-se que o uso da droga na toxicomania, consiste em uma tentativa de desencontro com a angústia decorrente do encontro com o desejo do Outro. A parceria com a droga surge como uma tentativa de criar um obstáculo entre o sujeito e os imperativos do Outro. Por meio da toxicomania, o sujeito tenta recuperar o gozo perdido por uma via que não perpassa pelo Outro como sexual (SANTIAGO, 2017).

Ribeiro (2009), ao citar Lacan (1976), elucida que a toxicomania é uma tentativa de ruptura com o gozo fálico (um gozo regulado pela interdição do incesto que funda a ordem simbólica) onde o casamento, como gozo fálico gera angústia, “por ser oriundo da operação de castração, a partir da qual o sujeito sempre será falta a ser, visto que o objeto que supostamente poderia completá-lo, fazê-lo pleno, se inscreve como impossível, o que traz como consequência uma perda fundamental de gozo” (p. 366). As drogas podem ser uma forma que o sujeito encontrou para evitar se confrontar com a castração, tampando a angústia que surgiria com o encontro do desejo do Outro, no qual esse desejo é marcado pela impossibilidade de um objeto que satisfaça plenamente, uma vez que o Outro também é barrado (RIBEIRO, 2009). Para Santiago (2017), a toxicomania surge na atualidade como uma nova forma de sintoma, como um substituto artificial da incapacidade do neurótico de responder ao sofrimento.

Nesse sentido, pontuamos que a toxicomania surge como um efeito da lógica de mercado capitalista aliado ao discurso da ciência. Na medida em que a ciência produz novos produtos para o consumo, os *gadgets* são oferecidos como objetos capazes de promover satisfação, e como consequência há uma fixação do desejo do sujeito nesses objetos. Dito isso, a droga é posta como um *gadget* que possibilita uma relação do gozo do corpo. Santiago (2017, p.187) pontua que o toxicômano é concebido como um cínico na era da ciência, “porque ele concorda com esse mandamento universal do gozo, preconizado na sua devoção à satisfação incondicional da droga”. Destacando Inem (1998), a toxicomania se configura como um paradigma do discurso capitalista, pois é aquele que em seu consumo há a anulação do sujeito: “o toxicômano é um significante que nomeia não só uma prática de consumo como “con-some” o sujeito” (INEM, 1998, p. 101, grifos da autora).

No entanto, podemos perceber uma contradição presente na toxicomania, pois ao mesmo tempo em que é um sintoma produto do discurso da ciência e do capitalismo, onde o toxicômano é consumidor ideal permanente, por outro lado, faz “objeção à utopia universalizante de nosso dias” (LIMA; ALVES JÚNIOR, 1998, p. 63), no sentido de que o toxicômano se recusa a fazer parte da lógica do gozo fálico presente na sociedade, que se apresenta na forma de competição social na atualidade.

Como êxtimo em relação à lógica competitiva do mercado- que se manifesta no imperativo do ser viril, de alçar uma carreira universitária a fim de ter uma profissão, de ter cada vez mais dinheiro- o toxicômano se recusa a assumir esses emblemas sociais (LIMA; ALVES JÚNIOR, 1998, p.63).

Segundo Pacheco Filho (2007, p. 35) “talvez o toxicômano chegue perto do modelo ideal de consumidor capitalista: próximo ao objeto que dá origem ao desejo e, portanto, próximo

do gozo absoluto e da morte”. Dessa maneira, o toxicômano como o consumidor ideal denuncia o furo existente do capitalismo, pois na medida em que este consome a droga desenfreadamente, entrega-se a um gozo mortífero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa teórico conceitual foi possível compreender que a toxicomania se manifesta como um sintoma que revela um furo existente no sistema capitalista. Nesse sentido, foi possível localizar a toxicomania como um efeito do discurso técnico-científico aliado ao discurso do capitalismo, no qual o discurso do capitalismo estaria imerso na sociedade do consumo. Isso tem que ver, como vimos, com o ideal de um Outro cultural que muda historicamente que influencia na constituição de novos sintomas dos sujeitos, não alterando aquilo que faz parte da estrutura.

A partir de um trajetória do uso de drogas entre os seres humanos com referência em uma perspectiva das implicações e do contextos discursos no qual a droga se apresentava, podemos perceber que o problema da toxicomania em si passou a manifestar a partir do advento do discurso científico e do crescimento da lógica neoliberal. A droga que antes possuía um significado místico, sobrenatural, metafísico passou a ser vista com uma mera substância que causa alterações no funcionamento fisiológico, ganhando uma atribuição de objeto tóxico.

Por outro lado, com o crescimento da indústria farmacêutica houve a apropriação de determinadas drogas que pudessem ser utilizadas para lidar com o mal-estar humano, uma vez que na sociedade capitalista procura-se ao máximo evitar experiência desprazerosas tendo como principal característica a promoção de um ideal de felicidade. Além disso, vê-se que o uso de psicofármacos também se enquadra na lógica do consumo, pois estes são utilizados como mecanismos para promover a produtividade.

Podemos localizar que não só uso de substâncias lícitas fazem parte da lógica do consumo, a drogas ilícitas também fazem parte desse sistema de consumo, principalmente por ser um produto acessível a todos os públicos. Logo, as drogas entram como um recurso para lidar com o mal-estar do sujeito, mas também para servir a lógica consumista da sociedade de consumidores.

A sociedade do consumo trata-se sobretudo de uma sociedade que cultua a máxima satisfação e a realização dos desejos do sujeitos, ao mesmo tempo anunciando a falsa premissa de satisfação plena através do consumo, no qual se relaciona de forma perversa com sujeito, uma lógica de gozo perverso, pois se aproveita da falha constituinte do sujeito, no qual nunca será tamponada. Ademais, podemos destacar o supereu como uma instancia que ordena o gozo impelindo o sujeito ao consumo como forma de restituição da falta, uma vez que o ideal do Outro na atualidade se configura como o consumo. Em vista disso que as propagandas possuem uma força imperiosa de ordenação ao consumo.

Nessa lógica, a toxicomania entra causando um furo na lógica da sociedade do consumo, apontando uma falha no sistema, pois enquanto é disseminado que os produtos devem ser adquiridos e rapidamente descartados para abrir espaço para novos produtos, portanto, uma incessante aquisição de bens. No consumo ocasional de drogas há a possibilidade que se transformar em toxicomania havendo uma ruptura nessa lógica de consumo, uma vez que há uma fixação no objeto de satisfação, dessa forma, podemos apontar uma contradição que ao mesmo tempo em que o uso de drogas se alinha com o discurso capitalista, ela também rompe, constituindo assim um sintoma no campo do social, que segundo Kehl (2009), denuncia as contradições do discurso do mestre e vai contra a norma social vigente.

Assim, o gozo monótono do toxicômano é uma tentativa de barrar com as exigências vindo do Outro, barrar aquilo que é do real, que toca o sujeito e causa angústia. Que tenta romper com gozo fálico induzido na contemporaneidade, que se configura também por uma sociedade da performance, que o toxicômano não quer fazer parte. Santiago (2017) destaca que pode-se explicar a má reputação do toxicômano com os representantes das leis pelo fato de estar imerso nessa lógica cínica de gozo, no seu próprio modo de gozar, que representa um obstáculo ao discurso do mestre.

Portanto, o toxicômano é o consumidor ideal que imerso a um gozo mortífero, ao consumir a droga é consumido por ela até a sua morte, se aproximando assim de um gozo absoluto, mas ao mesmo tempo o toxicômano é aquele que nega a lógica da sociedade do consumo, pois nega-se a fazer parte da norma fálica, produzir e a consumir outros produtos a não ser as drogas.

A toxicomania se encaixa como uma maneira dentro das várias pelo qual os sujeitos podem reagir às exigências do ideal do Outro. Em síntese, os novos sintomas presentes na contemporaneidade diz respeito a um efeito de discurso dominante, contudo, cada sujeito encontra meios diferentes de se colocar frente às exigências do Outro, diante disso que existem diferentes modalidades do consumo de substâncias, no qual se enquadram como uma maneira, dentre várias, para lidar com o mal-estar inerente à condição humana.

REFERÊNCIAS

ASKOFARÉ, Sidi. Da subjetividade contemporânea. *A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia.*, v. 1, n. 1, 2009.

BAIMA, Ana Paula da Silva. *O supereu como estrutural do sujeito e o consumo como ideal do Outro na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

BAUMAN, Zigmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BETTS, Jaime Alberto. A. Sociedade de consumo e toxicomania: consumir ou não ser. *Tóxico e Manias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 26, p. 65-81, jan./jul. 2004.

BIRMAN, Joel. Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 17, n. SPE, p. 23-37, 2014.

BRAUNSTEIN, Nestor. *Gozo*. São Paulo: Escuta, 2007.

COSTA, Adão Luís Lopes. Drogas, pagar com a carne? *Tóxico e Manias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 26, p. 58-64, jan./jul. 2004.

DERRIDA, Jacques. (1972/2005). *A Farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ESCOHOTADO, Antônio. *Historia elemental de las drogas* (2017) (Spanish Edition). La Emboscadura. Edição do Kindle.

FERREIRA, Isaias Gonçalves. *O sujeito e as drogas: Uma clínica para além da descrição sintomatológica*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

FREUD, Sigmund (1910). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira- Contribuições à Psicologia do Amor II: Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. V. XI

FREUD, Sigmund. (1912-1914). Obras completas –Totem e tabu. In. *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 11.

FREUD, Sigmund. (1914-1916) Obras completas – Os Instintos e seus destinos. In. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

FREUD, Sigmund. (1917-1920) Obras completas - *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos")*, *Além do princípio do prazer e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14.

FREUD, Sigmund. (1920-1923) Obras completas - *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15.

FREUD, Sigmund. (1923-1925). Obras completas- *O Eu e o Id," Autobiografia" e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. V. 16.

FREUD, Sigmund. (1930-1936). Obras completas - *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* .Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

FREUD, Sigmund. (1930-1936). Obras completas – Por que a guerra? in: ___. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

KEHL, Maria Rita. Depressão, Temporalidade, Sintoma social. In:_. *O tempo e o cão: A atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 13-32.

LACAN, Jacques. (1952-1953). *O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*, 1952-1953. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (1959-1960). *O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise*, 1959-1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. (1960). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In. LACAN, J. *Escritos*.1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1962-1963). *O seminário. Livro 10. A Angústia, 1962-1963*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

LACAN, Jacques. (1964). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

INEM, Clara Lúcia. Eclipse do desejo. In. SOLER, C. *O brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998, p.99-106.

LAURENTI, Carolina; LOPES, Carlos Eduardo. Metodologia da Pesquisa Conceitual em Psicologia. In: LAURENTI, Carolina; LOPES, Carlos Eduardo.; ARAUJO, Saulo Freitas. *Pesquisa Teórica em Psicologia: Aspectos Filosóficos e Metodológicos*. São Paulo: Hogrefe CETEPP, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1949/2008). O feiticeiro e sua magia. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. In: LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.181-200.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1949/2008). A eficácia simbólica. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. In: LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p.201-220.

LIMA, Claudia Henschel; ALVES JÚNIOR, Antônio José. O mal-estar na cidade: segregação e toxicomania. In. SOLER, C. *O brilho da infelicidade*. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998, p. 55-64.

MANCEBO, Deise et al. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. *Estudos de psicologia (Natal)*, Natal, v. 7, n. 2, p. 325-332, jul. 2002 .

MORAIS, Jamile Luz. *A proliferação do transtorno bipolar como paradigma do discurso capitalista*. 2017. 297 p. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

NAFFAH NETO, Alfredo. A pesquisa psicanalítica. *Jornal de psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 279-288, jun. 2006.

PACHECO FILHO, Raul Albino. Toxicomania: um modo fracassado de lidar com a falta estrutural do sujeito e com as contradições da sociedade. *Mental*, v.5, n. 9, p. 29-45, nov. 2007.

PACHECO FILHO, Raul Albino. "Lease your body": a encantação do corpo e o fetichismo da mercadoria. *Revista de Psicanálise Stylus*, n. 21, p. 37-46, 2010.

RAMOS, Conrado. Imperativo de gozo e a propaganda no laço social da sociedade de consumo. *Mental*, v.5, n.9, p. 101-116, nov. 2007.

RIBEIRO, Cynara Teixeira. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade: A psychoanalytical view on the phenomenon of drug use nowadays. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 12, n. 2, p. 333-346, 2009.

RIBEIRO, Eduardo Mendes. Entre tóxicos e manias. *Tóxico e Manias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 26, p. 93-99, jan./jul. 2004.

ROSA, Mirian Debiux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004.

SECRETARIA NACIONAL DE POLITICA SOBRE DROGAS, SENAD. *Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias*. ed. 4. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, SENAD. 2011.

SANTIAGO, Jesús. *A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência*. ed. 2. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

SOLER, Colette. O eu e o Outro II. In: FELDSTEIN, R. FINK, B. JAANUS, M. *Para ler o seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 58-67.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui; HASHIMOTO, Francisco. A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 166-178, jul. 2013.

TONDIN, Maria Cristina; BARROS NETA, Maria da Anunciação; PASSOS, Luiz Augusto. Consultório de rua: Intervenção ao uso de drogas com pessoas em situação de rua. *Revista de Educação Pública*, v. 22, n. 49/2, p. 485-501, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. *O Amor Impiedoso (ou: sobre a crença)*. Tradução de Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.